

ADILÉIA REGINA DIAS DE MIRANDA



**REFLEXÕES SOBRE ARTE CONTEMPORÂNEA – LAND ART
O ENSINO-APRENDIZAGEM PARA O ENSINO MÉDIO**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

ADILÉIA REGINA DIAS DE MIRANDA

**REFLEXÕES SOBRE ARTE CONTEMPORÂNEA – LAND ART
E O ENSINO-APRENDIZAGEM PARA O ENSINO MÉDIO**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Verona Campos Segantini

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

Miranda, Adiléia Regina Dias, 1969-
Reflexões Sobre Arte Contemporânea – Land Art e o ensino-
aprendizagem para o Ensino Médio: Especialização em Ensino de Artes
Visuais / Adiléia Regina Dias de Miranda. – 2013.
67 f.

Orientador(a): Verona Campos Segantini

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes
da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em
Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Segantini, Verona Campos. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Reflexões sobre Arte Contemporânea – Land Art – e o ensino-aprendizagem para o Ensino Médio*, de autoria de Adiléia Regina Dias de Miranda, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^a. Ms. Verona Campos Segantini - Orientadora

Prof^a. Ms. Cláudia Regina dos Anjos

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

Dedicatória

Dedico esta monografia aos meus pais e familiares, ao meu namorado Fernando, a minha filha Kika e aos anjinhos que se foram. E a todos que participaram direta e indiretamente desta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade vivenciada.

Aos meus pais, Caio e Adelina e familiares.

Ao Fernando pelo apoio e companheirismo.

A kika pelas alegrias e presença.

Aos alunos que participaram desta pesquisa.

Aos amigos do Laboratório de Microbiologia,
principalmente Elaine e Andrea pela compreensão.

A todos os amigos presentes e ausentes.

Aos Professores, tutores Elias, Gladston, Michelle e Tatiane, pela paciência.

Imensamente a minha orientadora Verona pela calma e sabedoria, além das
palavras certas.

Todos aqueles que participaram deste trabalho

RESUMO

Dentre os vários movimentos da Arte Contemporânea, o Land Art surgiu no final na década de 60, devido a uma insatisfação com a monotonia da cultura vigente; de certo desencanto com a sofisticada tecnologia da cultura industrial e do crescente interesse das questões ligado a ecologia. Este trabalho objetiva investigar a Land Art, suas características e classificação, refletindo sobre os seus conceitos, destacando a importância do ensino da mesma para o Ensino Médio. A metodologia utilizada foi uma pesquisa de literatura sobre este movimento destacando os principais artistas e suas obras. Foi feito também uma discussão sobre a transição da Arte Moderna para Contemporânea, sobre o conceito de escultura e percepção. Também foi proposta uma atividade prática com alunos do 2ª ano do ensino médio, onde foi apresentado algumas fotos de obras de Arte e após assistirem a um documentário: “Quem tem medo de Arte Contemporânea?”, foi discutida a impressão dos mesmos sobre o assunto. Os alunos mostraram um certo “estranhamento”, achando a Arte feia. Outros gostaram das muitas possibilidades de criação da Arte Contemporânea.

Este trabalho possibilitou entender que Arte Contemporânea – Land Art pode proporcionar aos alunos vivenciarem experiências estéticas, o desenvolvimento da criatividade, da capacidade crítica, despertando a imaginação e a percepção. Devido a sua proximidade com a vida cotidiana e o fato de ser uma Arte provocativa, pode leva o aluno a variadas reflexões sobre a Arte e sobre a vida. Por ser uma Arte plural e com uma multiplicidade de recursos, o aluno poderá experimentar variados materiais, técnicas e com isto montar a sua própria poética.

Palavras-Chave: Arte Contemporânea, Land Art, Escultura, Percepção, Arte-Educação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura1: Cartaz da exposição 1968	19
Figura 2: Michael Heizer, Double Negative, Nevada 1969	23
Figura 3: Michael Heizer, Double Negative, Nevada 1969	23
Figura 4: Michael Heizer, Double Negative, Nevada 1969	23
Figura 5: Michael Heizer, Rift, 1968. Nine Nevada Depression	24
Figura 6: Spiral Jetty, Robert Smithson, 1970, Utah	25
Figura 7: Spiral Jetty, Robert Smithson, 1970, Utah	25
Figura 8: Broken Circlele, de Robert Smithson, 1972	26
Figura 9 : “The Lightning Field” de Walter De Maria, 1977	27
Figura 10: “The Lightning Field” de Walter De Maria, 1977	27
Figura 11: The New York Earth Room de Walter De Maria, 1977	28
Figura 12: The Gates de Christo e Jeanne-Claude	29
Figura 13: Sun Tunnel de Nancy Holt, 1973-76.Lucin, Utah	30
Figura 14: Annual Rings de Dennis Oppenheim, 1968	31
Figura15: A Line Made by Walking Richard Long, 196	33
Figura 16: Ringdom Gompa de Hamish Fulton, 1978	34
Figura 17: Magic Square de Hélio Oiticica, 1977	35
Figura 18: Marilyn Moore de Andy Warhol, 1962	38
Quadro1: Sequências possibilidades de 3 ações combinadas da Abord. Triangular .	46
Quadro 2: Respostas da pergunta 1	48
Quadro 3: Respostas da pergunta 2	49
Quadro 4 : Respostas da pergunta 3	50
Gráfico 1: Resposta a pergunta 4	51
Gráfico 2: Resposta a pergunta 5	51
Gráfico 3: Resposta a pergunta 6	52
Quadro 5: Respostas da pergunta 7	52
Figura 19: Foto dos alunos assistindo o documentário	55
Figura 20: Foto dos alunos assistindo o documentário	56
Figura 21: Foto dos alunos assistindo o documentário	57
Figura 22: Foto dos alunos assistindo o documentário	58
Figura 23: Foto da Obra do artista Corey Thomas intitulada Spinifex	60
Figura 24: Foto da Obra do artista Corey Thomas intitulada Spinifex	60
Figura 25: Foto da Obra do artista Corey Thomas intitulada Spinifex	60

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1 - Conceito de Land Art : surgimento e diferenciação	15
1.1 – Conceito de Land Art	15
1.1.1 – Contextualização	17
1.2 - Características da Land Art	18
1.3 - Exposição EARTHWORKS	19
1.4 - Classificação dos trabalhos de Land Art	19
1.5 - Principais Artistas e obras da Land Art	22
Capítulo 2 - Reflexões sobre a Arte Contemporânea, conceito de escultura e a percepção na Land Art	36
2.1 - Reflexões sobre a transição da Arte Moderna para Arte Contemporânea	36
2.2 - Mudança no conceito de escultura	38
2.3 - Escultura na Land Art	40
2.4 – Discussão sobre Percepção na Land Art	42
3 - O ensino-aprendizagem de Arte Contemporânea nas escolas e a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa	44
3.1 – Reflexão sobre o ensino de Arte Contemporânea no Ensino Médio	44
3.2 - Atividade com alunos do Ensino Médio sobre Arte Contemporânea – Land Art	47
3.2.1 – Análise dos questionários dos alunos	48
3.2.2 – Análise do questionário da professora	53
3.2.3 – Análise da discussão do documentário “Quem tem medo de Arte Contemporânea.”	55
3.2.4 – Fotos e vídeo da Land Art	59
Considerações Finais	61
Referencias	62
Anexo	66

INTRODUÇÃO

O ensino de Arte é algo significativo que permite ver o mundo com mais sensibilidade, possibilitando assim o desenvolvimento do potencial criativo, além de contribuir para que o indivíduo tenha uma convivência social e intelectual. Em seu livro intitulado *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*, Ana Mae Barbosa, afirma que:

A Arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA,2003, P.18).

Ainda existem concepções deturpadas ou mesmo uma interpretação errônea em relação ao ensino de Arte como disciplina curricular, pois algumas pessoas consideram que a disciplina de Arte é um “passa tempo”, feito para relaxar ou ainda um momento de lazer destinado à criação de ornamentos para comemorar as datas festivas da escola. Realmente a Arte é uma fonte de prazer onde o indivíduo se expressa e entra em contato com o seu “eu criativo”, mas a Arte tem um significado muito mais amplo. De acordo com Tesch e Vergara (2012):

A Arte e as atividades artísticas não devem ser vistas somente como um momento de lazer e diversão, mas encarada de forma séria e comprometida, pois contribuem para o desenvolvimento de alguns conhecimentos que expandem a capacidade de dizer mais sobre o universo pessoal do aluno e sobre o mundo.

A Arte é uma forma diferenciada de se entender o universo, sendo indispensável para o desenvolvimento humano independente de se estar ou não no ambiente educacional. Segundo Barbosa (2008):

A educação estética tem como lugar privilegiado o ensino de Arte, entendendo por educação estética as várias formas de leitura, de fruição que podem ser possibilitadas às crianças, tanto a partir do seu cotidiano como de obras de Arte. Compreender o contexto dos materiais utilizados, das propostas, das pesquisas dos artistas é poder conceber a Arte não só como um fazer, mas também como uma forma de pensar em e sobre Arte.

Além disto, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (2000) destaca a importância de se conhecer Arte no Ensino Médio e dos significados que são construídos pelos alunos, pois os mesmos podem assim:

Apropriarem-se de saberes culturais e estéticos inseridos nas práticas de produção e apreciação artísticas, fundamentais para a formação e o desempenho social do cidadão. Na escola de Ensino Médio, continuar a

promover o desenvolvimento cultural e estético dos alunos com qualidade, no âmbito da Educação Básica pode favorecer-lhes o interesse por novas possibilidades de aprendizado, de ações, de trabalho com a Arte ao longo da vida.

De acordo com o CBC (Conteúdos Básicos Comuns) de Minas Gerais, a educação em Artes Visuais deve requerer:

O entendimento sobre os conteúdos, materiais e técnicas com os quais se esteja trabalhando, assim como a compreensão desses em diversos momentos da história da Arte, inclusive a Arte Contemporânea. Para tanto, a escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e coletiva.

Nas escolas é mais comum o professor de Arte trabalhar com os estilos de Arte do passado do que com Arte Contemporânea. Isto talvez ocorra, em pArte, devido à dificuldade de entendimento dos conceitos da Arte Contemporânea. Mas, a abordagem da mesma na escola é relevante devido a sua diversidade de experiências, na proximidade da Arte com a vida cotidiana, a sua relação com outras áreas e sua mutabilidade constante, que entre outros aspectos, a torna um importante veículo de sentidos.

Dentre os vários movimentos da Arte Contemporânea enfocaremos o Land Art. Este movimento artístico surgiu no final na década de 60, devido a uma insatisfação com a monotonia da cultura vigente; de certo desencanto com a sofisticada tecnologia da cultura industrial e do crescente interesse das questões ligada a ecologia.

Esta monografia propõe investigar o movimento de Arte Contemporânea Land Art, refletindo sobre os seus conceitos, destacando a importância do ensino da mesma para o ensino médio e verificando junto aos alunos como se dar a aprendizagem deste assunto. Além de explorar no Ensino de Arte diferentes formas de expressão artística Contemporânea, como a Land Art, possibilitando ao estudante experiências de fruição e criação.

A escolha do referido tema justifica-se pela sua importância como movimento de Arte Contemporânea onde busca relaciona-se com a natureza e a percepção da paisagem e traz também a discussão das dificuldades de se trabalhar Arte Contemporânea na escola. Daí nasceu o desejo de despertar o olhar do aluno do ensino médio, para as questões relativas a este tema. Tesch e Vergara (2012), relatam que na maior pArte das práticas desenvolvidas nas aulas de Artes fica

evidente a diferença entre o que se produz atualmente em Arte e o que se apresenta como Arte nas escolas. Os limites da Arte mudaram. Ainda segundo os autores:

A importância em se trabalhar com a Arte Contemporânea no contexto escolar se dá no fato de que ela está acontecendo agora, fala e discursa sobre o nosso cotidiano, nossa vida, sobre as distintas culturas e seus conflitos e teoricamente, se tornaria mais acessível para a discussão entre os alunos, que de certa forma, perceberiam a Arte mais próxima de suas vidas e, conseqüentemente, mais significativa.

A Land Art caracteriza-se como um conteúdo de inúmeras possibilidades de ser trabalhado nas escolas, pois o mesmo traz uma prática reflexiva e investigativa que proporciona ao aluno o desenvolvimento de seus potenciais criativos e artísticos. Além disto, apesar de ter iniciado na década de 60, a Land Art levanta questões e discussões Contemporâneas do homem e da natureza que possibilitam reflexões atuais.

A Land Art permite uma interação com a natureza, logo a necessidade de conhecê-la e compreendê-la, despertando a percepção de observação e noções de espaço, seja ele urbano ou natural. Isto faz com que este tema seja também um tema “inter” e “trans” disciplinar, e de fácil interação com vários saberes e com o conhecimento científico. Segundo Rizzi e Anjos (s/d), o aluno deve:

Vivenciar a qualidade estética é uma experiência que transborda para todas as áreas do ser e do conhecimento. Nesse sentido, a pessoa esteticamente “afinada” por suas referências pessoais e culturais torna-se mais atenta à percepção de si e do meio. Sabe como dar forma às sensações e ideias. Sabe discriminar, escolher, conceber e atuar.

Com esta prática, onde possibilita o desenvolvimento da criatividade, os alunos podem construir as suas obras de Arte, individuais e/ou coletivas, sem imposições formais, usando uma diversidade de materiais e técnicas.

O objetivo deste trabalho é investigar sobre o movimento de Arte Contemporânea “Land Art”, explorando no Ensino de Arte diferentes formas de expressão artística contemporânea, e onde possibilite ao estudante experiências de fruição e criação.

Este trabalho também busca refletir e discutir sobre os tópicos abaixo:

- Refletir sobre o conceito de Land Art, o contexto que a mesma estava inserida, suas características e classificação ;
- Identificar diferentes artistas e obras da Land Art;
- Explorar a transição da Arte Moderna para a Arte Contemporânea;
- Compreender a relação da Land Art com o meio ambiente;
- Investigar os conceitos de escultura e percepção na Land Art;

- Pesquisar o ensino-aprendizado dos conceitos de Land Art para os alunos do Ensino Médio.

De acordo com o que foi proposto nos objetivos o referencial teórico será baseado na discussão de Anne Cauquelin sobre Arte Contemporânea; nas reflexões sobre Land Art de Nathalia Hatsue Sawada, nos conceitos sobre escultura dos autores João Augusto Cristelin e Rosalind Krauss; na discussão da Ana Mãe Barbosa sobre Arte-educação.

A monografia foi dividida em três capítulos dispostos da seguinte forma:

No primeiro capítulo, a proposta é discorrer sobre Land Art, a definição deste movimento artístico, contextualização da mesma, suas características e classificação. Apresentação dos principais artistas representantes deste movimento e suas principais obras.

No segundo capítulo, a proposta é discutir sobre a Arte Contemporânea, a mudança do conceito de escultura e uma reflexão sobre percepção.

A partir da colocação do problema, a metodologia proposta para o 1º e 2º capítulos é primeiramente através de uma pesquisa bibliográfica sobre os conceitos de Land Art, relacionando os principais artistas e suas obras, sua relação com outras áreas de estudo. Pesquisando em revista e publicações. Também através de levantamento bibliográfico fazer a discussão sobre percepção e o atual conceito de escultura.

E no terceiro capítulo, a proposta é discutir sobre Arte-Educação e a proposta Triangular de Ana Mãe Barbosa. Neste capítulo, a proposta também é realizar uma atividade, com uma turma do Ensino Médio. Esta atividade tem três momentos: 1º) Aplicação de um questionário escrito para os alunos responderem e outro questionário para a professora; 2º) Realização de uma discussão sobre Arte Contemporânea após apresentação de slides, com algumas obras de Arte e a apresentação de um documentário: "Quem tem medo de Arte Contemporânea?"; 3º) Apresentação de fotos de obras da Land Art e um breve documentário sobre o mesmo, com coleta das impressões dos alunos e o encerramento.

Os questionários aplicados aos alunos e a professora são semi-estruturados e a pesquisa é qualitativa e quantitativa para o questionário dos alunos e qualitativa para o questionário da professora.

No 2º momento, a discussão foi gravada, posteriormente feito uma análise qualitativa dos dados e uma discussão dos resultados.

De acordo com Aguiar (s/d), “as pesquisas podem ser quantitativas e qualitativas.” A pesquisa quantitativa é realizada quando se quer investigar quantas pessoas de determinada população compartilham uma característica. Ela é objetiva, seus dados são transformados em percentuais. Para o autor:

Pesquisas quantitativas são mais adequadas para apurar opiniões e atitudes explícitas dos entrevistados. Elas trabalham com questionários estruturados, e devem contar com uma amostragem (número de entrevistados) grande o bastante para dar sustentação estatística aos dados coletados. Por outro lado, ela não é indicada se o objetivo é compreender algum “porque”; o custo em dinheiro não seria razoável, e as explicações dificilmente seriam conseguidas através de questões diretas.

Ainda de acordo com Aguiar (s/d), “as pesquisas qualitativas são exploratórias, tratam de assuntos não tão claros e quantificáveis; estimulam os entrevistados a pensar livremente sobre algum tema, objeto ou conceito.” E ainda:

As pesquisas qualitativas, por sua vez, são eficazes se o objetivo for constatar particularidades e interpretações individuais dos entrevistados. O número de entrevistas costuma ser menor, e podem ser individuais ou no formato de grupo focal (que é quando um mediador conduz uma discussão de aproximadamente 10 pessoas, sobre um tema proposto). Por meio de questionários semi-estruturados, essa abordagem é capaz de responder questões como “qual o melhor posicionamento de comunicação para esse produto” e “qual novo conceito de produto a ser criado”.

CAPÍTULO 1

1 - Conceito de Land Art : surgimento e diferenciação

1.1 – Conceito de Land Art

No final da década de 60 e início da década de 70, surge nos Estados Unidos um movimento artístico denominado Land Art, Earthworks ou Earth Art (Arte na Terra). Este movimento refere-se às criações artísticas que utilizam como suporte, tema ou meio de expressão o espaço exterior. Assim sendo, a paisagem e obra de Arte estão indissociavelmente ligadas. As esculturas não são colocadas na paisagem; a paisagem é o principal meio de criação.

Segundo Sawada (2011), o termo Land Art iniciou para denominar trabalhos de grande escala produzidos em áreas desérticas, nos Estados Unidos, que expressavam literalmente a Arte da Terra. Traduzindo o termo Land Art, temos “Arte da terra”, ou algo que expressa a relação da Arte com a terra, interagindo a paisagem com a Arte e o espaço natural que engloba esta Arte. Esses trabalhos utilizavam a paisagem como principal elemento para as suas esculturas, sendo uma forma de Arte dependente do entorno.

Segundo Leal (s/d), a Land Art é parte importante do processo de alteração dos paradigmas artísticos que teve lugar nesse período, respondendo simultaneamente a uma continuação crítica do modernismo e a uma tentativa de superá-lo. Não tendo sido um movimento organizado no sentido convencional do termo, existem, no entanto, traços comuns e cumplicidades entre aqueles que a praticaram, assim como uma produção teórica importante, com destaque para os escritos dos artistas Robert Smithson e Robert Morris

Numa definição geral, Land Art é uma forma de Arte em que a característica mais expressiva é a relação com a paisagem. Os trabalhos de Land Art possuem presença marcante no espaço e dependem da paisagem para se firmarem como obra de Arte. BEARDSLEY (1998) diz que a presença física dos trabalhos de Land Art na paisagem é o que distingue esta Arte de outras formas de esculturas, que costumam ser mais portáteis. Ele ainda acrescenta que o envolvimento com a paisagem vai além disso: a maioria desses trabalhos são totalmente ligados ao sítio e pegam como maior parte de seus conteúdos a relação com a característica específica do entorno particular (SAWADA, 2011).

De acordo com a Enciclopédia Itaú Cultural (2009), a "Arte da Terra" inaugura uma nova relação com o ambiente natural, sendo muitas vezes designada como ramo da *environment art* (Arte Ambiente). Não mais paisagem a ser captada e representada, nem manancial de forças e instintos passível de expressão plástica, a natureza agora é o *locus* onde a Arte finca raízes. Desertos, lagos, canyons, planícies e planaltos oferecem-se aos artistas que realizam intervenções sobre o espaço físico.

Muitos dos primeiros trabalhos foram feitos nos desertos do Nevada, New Mexico, Uta e Arizona e eram naturalmente efêmeros, pelos que apenas existem registros em vídeo e fotografias. Aliás, o aspecto efêmero das obras Land Art é uma das suas mais marcadas características.

A Land Art ou Earthwork tem origem numa vertente do chamado minimalismo dos anos 1960 a qual se filiam Carl Andre, Dan Flavin e Robert Morris. Referida a uma tradição que remonta aos ready-made de Marcel Duchamp e às esculturas de Constantin Brancusi, que testam explicitamente os limites da Arte, essa linhagem da minimal art coloca em xeque as distinções Arte/não Arte, denunciando o sistema institucional de validação dos objetos artísticos. A recusa da rede alimentada por museus, galerias, colecionadores e outros, se explicita na defesa da indissociação Arte/natureza/realidade e na realização de trabalhos que não são feitos para vender, que não podem ser colecionados. O homem está distante da exuberância do expressionismo abstrato, ainda bastante ligado às matrizes modernistas europeias e aos efeitos imediatos do pós-guerra. Os anos 1960 trazem a pujança da sociedade industrial de massa, recuperada dos efeitos da Segunda Guerra Mundial, 1939-1945, os movimentos de contracultura, e a força política e econômica dos Estados Unidos a alimentar novos conflitos, como a Guerra do Vietnã, 1959-1975 (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2009).

Em meio a este conturbado contexto histórico surgem os primeiros trabalhos de Land Art. Os artistas queriam um novo tipo de Arte, fora das galerias e museus e encontraram na paisagem uma forma de executar essa Arte. Mas este movimento se distinguiu de forma um pouco diferente nos EUA e na Europa. Assim, a Land Art realizada nos EUA, os artistas encontram nos desertos americanos um ambiente propício para a nova forma de Arte. Já na Europa, não existiam espaços como o do

oeste americano, pouco conhecidos e vazios. Os europeus promoveram a sua Land Art em paisagens naturais, sem necessariamente serem em áreas desérticas.

Segundo Tufnell (2006), citado por Sawada (2011), a Pop Art e a Arte Minimalista são precursoras da Land Art e caracteriza a Land Art como Arte com características do Conceitualismo. Land Art também pode ser associado ao termo Landscape art. Ambos expressam uma relação do ambiente com Arte, mas com definições um pouco diferentes, já que Landscape art, ou “Arte da paisagem”, é um termo mais amplo, atribuído a qualquer trabalho que relacione paisagem e Arte, podendo ser uma pintura que represente uma paisagem; uma escultura que associe paisagem e Arte e até a própria Land Art.

Uma obra com características de Land Art, é importante apresentar uma interação entre paisagem e Arte, já que é utilizado à própria paisagem como parte de suas obras ou mesmo quando próprio ambiente é a obra de Arte, existindo uma interação muito grande entre o ambiente e a obra de Arte.

Além da interação, outro fator que identifica uma obra de Land Art é a grandiosidade das mesmas e também o uso dos materiais presentes na natureza. Os primeiros trabalhos de Land Art apresentam escalas monumentais, destacando-se como Arte inserida no ambiente. Reorganização de elementos presentes na natureza de forma artística também é uma característica comum em grande parte dos trabalhos de Land Art.

1.1.2 – Contextualização

No ano de 1968 ocorreu vários acontecimentos que influenciaria no surgimento da Land Art principalmente movimentos de insatisfação popular tanto nos EUA quanto na Europa.

Sawada (2011), explica que nos “Estados Unidos, a Guerra Fria apresentava o seu auge; a Guerra do Vietnã já havia atingido o seu pico e apresentava o maior número de vítimas, sem apresentar uma satisfação popular”, devido a isto estava acontecendo diversas manifestações antiguerra por parte da população, pois já não viam justificativa para manter as mesmas. E ainda:

Além de demonstrações a favor dos direitos civis, após os assassinatos de Martin Luther King e Robert Kennedy. Para muitos americanos, 1968 representou o ponto em que o idealismo do início dos anos de 1960 deu lugar a um profundo senso de descontentamento, encorajando um

questionamento generalizado dos códigos civis e da estrutura da sociedade. Na Europa também ocorriam manifestações semelhantes, de descontentamento popular, importantes para o desenvolvimento da Land Art europeia.

Sawada (2011) explica que “em 1968, existia uma grande tensão causada pela ameaça nuclear. O medo de uma possível aniquilação global gerou muitos protestos de fundo ecológico e campanhas que relacionavam Arte e ecologia.”

Esta tensão não apenas em relação à ameaça nuclear, mas também devido a corrida espacial. Sawada (2011) coloca que em “dezembro de 1968, a “Apollo 8” fez a primeira viagem tripulada na órbita da lua, passo que culminou com a chegada do homem a lua no ano seguinte.” E completa:

Como resultado, houve publicações das primeiras imagens da terra do espaço, mudando a imagem que o mundo tinha sobre a Terra. As crises energéticas e as primeiras fotografias da Terra tornaram as pessoas conscientes dos limites do planeta, acabando também com a ideia de que os recursos naturais são inesgotáveis. Todos esses acontecimentos, concentrados em 1968, refletiram nas Artes, promovendo vários movimentos, e entre eles, o movimento da Land Art.

1.2 - Características da Land Art

De acordo com Sawada (2011), para ser Land Art a obra precisa apresentar as seguintes características:

- **Relação com a paisagem:** a obra depende da paisagem e interage com ela. A presença física dos trabalhos é um fator marcante.
- **Obras para ambiente externo:** trabalhos feitos em ambientes internos podem até representar parte do trabalho externo, mas a essência do trabalho está na interação da obra com o meio externo.
- **Presença do observador na obra:** o observador precisa interagir com a obra.
- **Land Art original possui caráter contestador:** além da relação com a paisagem e com o observador, a Land Art em sua essência, possui a intenção de se manifestar com o sistema que considera errado, no caso contra o capitalismo e o consumismo promovido pelas galerias e museus. Reflexos da contracultura e do contexto histórico da época.
- **Percepção do observador:** o espectador precisa tomar consciência da obra e do entorno por meio dos sentidos.

1.3 - Exposição EARTHWORKS

Em 1968, foi organizada uma exposição intitulada: *Earthworks* na Dwan Gallery em Nova Iorque, pelo artista Robert Smithson. Participaram da mesma exposição como: Richard Long, Dennis Oppenheim, Jan Dibbets, o próprio Robert Smithson, além de outros que se tornaram centrais no desenvolvimento da *Land Art*, e foi fundamental para a divulgação, tanto para a crítica especializada, quanto para a população, desse novo tipo de Arte, sendo uma das primeiras exposições exclusivas de Land Art.

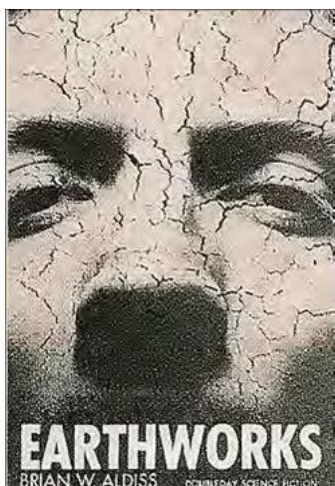


Figura1: Cartaz da exposição 1968. Fonte: Sawada , 2011.

Além de divulgar a nova Arte, a exposição revelou também alguns aspectos pouco práticos da Land Art, como problemas com distância e localização. E algumas soluções para a divulgação e memória dos trabalhos, através de fotografias, documentos e no caso de Robert Smithson, de exposições como Site e Nonsite. O movimento Land Art do final dos anos 60 foi uma forma de Arte de consciência ambiental e protesto, revelando as atitudes conflitantes da época.

1.4 - Classificação dos trabalhos de Land Art

Para os trabalhos de Land Art existem várias classificações, de acordo com a visão de cada autor, e as características marcantes de cada projeto como: características visuais, conceituais, por período, pelas ações ou mesmo relacionadas à interação da obra com a paisagem.

Segundo TUFNELL (2006), citado por Sawada (2011), os trabalhos de Land Art classificam, a partir da forma, dizendo que apesar da maneira como os artistas da Land Art manipulam a paisagem varia, basicamente, os trabalhos de Land Art possuem características destrutiva, reverencial, ritualística, construtiva, conceitual ou efêmera.

Já KASTNER e WALLIS (1998), citado por Sawada (2011), classificam a Land and Environmental art através da maneira como os trabalhos interagem com a paisagem. São classificados em trabalhos de integração, interrupção, envolvimento, implementação e imagem. A seguir, a definição de cada item da classificação de Kastner e Walls (1998), citado por Sawada (2011):

Integração

Os trabalhos considerados de integração manipulam a paisagem como se a paisagem fosse a própria matéria prima da obra. O artista adiciona, remove ou realoca os materiais naturais do local para criar esculturas com características minimalistas, no sentido da ênfase no material, das formas geométricas, e a sua relação com o sítio. Normalmente são trabalhos de escala monumental, que evidenciam a relação existente entre as características do sítio e a intervenção humana. Entre os trabalhos de integração, encontram-se principalmente os trabalhos considerados de vanguarda, os trabalhos que iniciaram o movimento da Land Art.

Interrupção

São considerados trabalhos de interrupção, os trabalhos que envolvem o ambiente e a ação humana, principalmente pela inserção de elementos não naturais na paisagem ou pelo rearranjo de elementos já existentes no ambiente. Para enquadrar, movimentar ou aproveitar os elementos naturais, os artistas utilizam substâncias fabricadas, estruturas ou máquinas, empregando materiais feitos pelo homem, que vão desde asfalto e cola as carcaças de Cadillacs; são trabalhos grandiosos que correspondem a imensa escala do ambiente. Através da interrupção da paisagem, os artistas enfatizam as características transgressoras da atividade humana, questionando a definição do que é natural e criticando a exploração terrestre realizada em nome do desenvolvimento industrial e urbano.

Envolvimento

Os trabalhos de envolvimento focam o artista como um ato individual em relação direta com a natureza. Alguns artistas utilizam seus corpos para fazer uma relação performática com o ambiente, transferindo a escala dos trabalhos para a forma humana; outros enfatizam a ligação com a terra criando formas contemporâneas de rituais. A obra pode incluir ações praticadas pelo artista, como uma caminhada através do campo, alinhando sutilmente elementos presentes no caminho para marcar sua passagem e apresentando documentação fotográfica de suas jornadas; outros artistas utilizam palavras para substituir imagens da terra.

Implementação

Os trabalhos considerados de implementação baseiam-se nas questões ambientais, promovendo uma “ecologização” da Arte. O desenvolvimento industrial, a expansão urbana, a agricultura comercial em massa e a intervenção científica aos processos naturais são compreendidos como causas de grandes problemas ambientais, como poluição, aquecimento global e a alienação sociedade em relação a estes problemas, mostrando as relações entre estrutura política e social e o seu impacto ao ambiente. As práticas apresentadas nos trabalhos de implementação variam entre esculturas e performances, englobando relações humanas com o ambiente natural baseadas na percepção do ambiente natural existente e da sua exploração, desperdício e destruição.

Imagem

Os artistas fazem trabalhos que associam o território e a paisagem não como um problema físico, mas como uma metáfora, um conceito, uma construção óptica ou elaboração linguística, representado em forma diagrama, uma frase ou uma fotografia. Documentos como mapas e plantas são desconstruídos e utilizados como construções teóricas. Alguns trabalhos evocam a arquitetura paisagística dos jardins formais do passado. Artistas contemporâneos respeitam o ambiente como uma narrativa histórica que oferece um repertório de potentes símbolos que podem ser desenvolvidos para descrever a sociedade Contemporânea.

1.5 - Principais Artistas e obras da Land Art

Os artistas de Land Art tomaram posições políticas devido aos problemas ecológicos do planeta. De acordo com Ribeiro (2013), apresentaremos, a seguir, a nota bibliográfica de alguns artistas e obras mais importantes.

Michael Heizer – Nasceu em Berkley, na Califórnia, em 1944, vive e trabalha em Nova Iorque e no Nevada. Começou a sua carreira como escultor, pintor e tipógrafo, no final dos anos 60.

Os seus trabalhos mais importantes são os realizados no deserto do oeste americano. Muitas das suas primeiras obras de Land Art consistiram em remover vastas, mas calculadas, quantidades de terra.

A obra “Double Negative”, executada numa remota zona do deserto do Nevada (1969-70), consiste numa longa vala de 9 metros de largura, 15 metros de profundidade e 457 metros de comprimento, obrigando a que fossem retiradas 244 mil toneladas de rochas. Esta obra pretende transmitir a mensagem de que a importância está no que deixou de existir, o que já não está.

Segundo Sawada (2011), um dos principais exemplos dos trabalhos de Land Art executados no final dos anos de 1960 e possivelmente o trabalho de maior importância da carreira de Michael Heizer, Double Negative foi um marco por ser considerado uma ‘Escultura ao reverso’²⁰, utilizando o espaço vazio para formar a escultura. O conceito em Double Negative indica certo paradoxo, como sugere John Beardsley, já que é possível compreender o negativo duplo, porém sem ser possível visualizá-lo (a escultura se faz através do espaço criado com a dupla fenda); “É uma forma que ocupa espaço, com superfícies que delineiam os limites da escultura, mas é composto basicamente de um vazio.”



Figura 2: Michael Heizer, Double Negative, Nevada 1969. Fonte: Sawada, 2011.

À semelhança de Fulton, Heizer considera que é importante experienciar fisicamente a obra, a documentação exposta nos Museus e galerias deturpa essa experiência.

A obra de Heizer é exemplificativa das preocupações que tem com as propriedades físicas, de densidade, volume, massa e espaço, em tudo o que faz, ou seja, mostra preferência pela grande escala.



Figuras 3 e 4: Michael Heizer, Double Negative, Nevada 1969. Fonte: Sawada, 2011.

Em “El Mirage”, um lago seco no deserto de Mojave, a 400 km de Los Angeles, Heizer encontrou o sítio que procurava: um espaço vazio que para ele representava uma tela em branco. No deserto de Mojave, Heizer construiu uma série de trabalhos utilizando a paisagem do deserto como matéria para sua obra. Dentre esses trabalhos, encontra-se o conjunto Nine Nevada Depressions. Este conjunto é composto de nove trabalhos diferentes, porém elaborados com a mesma técnica. São formados basicamente por rasgos no chão do deserto, que sofrem com a ação do tempo, desaparecendo gradualmente. Esses trabalhos eram trabalhos de experimentação, que utilizavam a paisagem como parte da escultura. Foi um dos primeiros trabalhos com as características da Land Art feito por Heizer. (SAWADA, 2011).

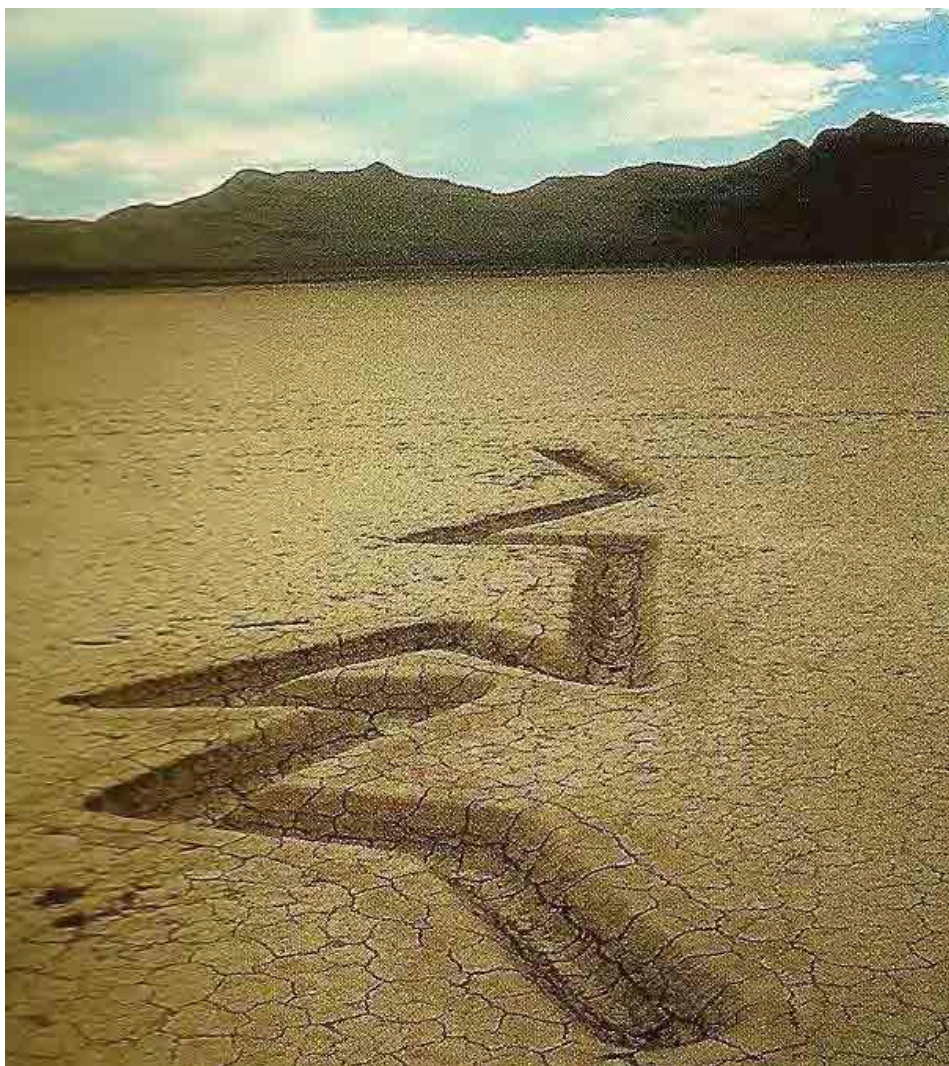


Figura 5: Michael Heizer, Rift, 1968. Nine Nevada Depression. Fonte: Sawada, 2011.

Robert Smithson – De nacionalidade norte-americana, nasceu em 1938 e faleceu em 1973, vítima de um desastre de helicóptero no Texas, quando inspecionava o seu último trabalho. Ao contrário de Richard Long, tinha preferência pelas grandes escalas e, é o autor da mais emblemática de todas as obras de Land Art, a “Spiral Jetty”, obra de 1970 realizada na Costa do Great Lake no estado do Utah. As obras de Smithson destinavam-se a serem observadas do ar, a “Spiral Jetty” foi construída com 6783 toneladas de pedras e pedregulhos, terra, cristais de sal, algas e água.

Esta obra prova também a preferência de Smithson por formas simbólicas, neste caso com referências a representações de culturas pré-históricas. “Spiral Jetty” foi submersa pelo lago, mas ressurgiu posteriormente. Este Land Artist tal como a maioria escolhe sítios remotos, sítios que estavam degradados pela indústria, e assim a Arte poderia ser mediadora entre a ecologia e a indústria.



Figuras 6 e 7: Spiral Jetty, de Robert Smithson, 1970, Utah.
Spiral Jetty é considerado um ícone da *Land Art*, um dos trabalhos que mais representa o movimento.
Fonte: Sawada, 2011.

De acordo com Sawada (2011), os trabalhos de Smithson revelam seu fascínio pela entropia da natureza. *Spiral Jetty* é um trabalho que se modifica pelas ações do ambiente externo ao longo do tempo, indicando a preocupação de Smithson com a entropia como medida da desordem. “A espiral, aberta e irreversível, vindo do nada e indo para lugar nenhum”.

Igualmente importantes foram as suas obras “Spiral Hill” (1971) e “Broken Circle” de 1972.



Figura 8: Broken Circle, de Robert Smithson, 1972. Fonte: Sawada, 2011.

Walter De Maria – Tal como muitos outros Land Artists, Walter De Maria é escultor. Nasceu em 1935 em Albany. Em 1960 instala-se em Nova Iorque. Em 1966 participa na importante exposição “Estruturas Primárias”, que tinha obras de alguns dos principais artistas da corrente minimalista e conceitual. É um dos pioneiros da Land Art. O seu trabalho é a procura da “extensão da Arte ao contexto e à exploração das relações entre a obra e o lugar em que se insere.”

O carácter efêmero é nota dominante na sua obra, a par da degradação da mesma, estes são elementos fundamentais da sua criação artística.

Das suas obras, “O campo de forças” (The Lightning Field, 1977) é a última de grande escala das que realizou. Trata-se de uma instalação de 400 estacas metálicas de 7 metros de altura, uma vez que a região onde está situada é assolada por tempestades, surgem efeitos de luz provocados por raios, tal incita uma constante mudança na paisagem, muito visível durante a noite.



Figura 9: "The Lightning Field" de Walter De Maria, 1977. Fonte: Sawada, 2011.



Figura 10: : "The Lightning Field" de Walter De Maria, 1977. Fonte: Sawada, 2011.

Segundo Sawada (2011), Lightning Field inova por transformar relâmpagos em Arte. Através de 400 para raios dispostos sequencialmente em forma de grelha, manipula a queda dos raios, trazendo a imagem dos relâmpagos para a formação da obra de Arte. Além propor a experiência de trabalhar diretamente na natureza, dependendo de um evento específico, o trabalho proporciona ao visitante uma sensação de escala e tempo. Apesar de depender de um fenômeno específico, a Land Art é presente mesmo sem a ocorrência dos relâmpagos. É considerado um ícone da Land Art, assim como Double Negative e Spiral Jetty.

Outra das obras de Walter De Maria, datada de 1968, e que se tornou lendária é o “Earth room”, que consiste em 200m² de terra dentro de uma divisão, com um vidro de 56 centímetros a estancá-la e tem uma área de 335m², exibida em Munique.



Figura 11: The New York Earth Room de Walter De Maria, 1977. Fonte: Sawada, 2011.

À semelhança de outros Land Artist, Walter De Maria também tem trabalhos em que aborda valores históricos e culturais através da simbologia.

Christo & Jeanne-Claude – Christo Vladimirov Javacheff nasceu na Bulgária em 1935. Em 1958 instalou-se em França onde conheceu a sua mulher e companheira de projetos Jeanne-Claude de Guillebon. Muda-se para Nova Iorque em 1964. Os seus primeiros trabalhos são realizados em Paris. Usa materiais como garrafas, caixas, roupas ou plástico, a estes trabalhos chama embrulhos. Tal como Smithson, Christo tem preferência pela grande escala, das obras mais emblemáticas temos “Wrapped Coast”, de 1969, realizada em parceria com Jeanne-Claude, tal como

“Valley Curtin” de 1970-72, “Surrounded Island”, 1980-83, “The Umbrellas”, Japão e Unidos, em 1984-91 e “Wrapped Reichstag”, em Berlim, 1986 e, novamente, em 1995.

Estas obras caracterizam-se pela utilização de enormes quantidades de pano que vão “embrulhar” e marcar a paisagem, resultando em efeitos cênicos de jogos de movimento, luz e cor. Se ao utilizarem o ambiente natural como suporte das suas obras os aproxima das tendências da Land Art, por outro lado, as intervenções em edifícios ou estruturas arquitetônicas nas cidades, cortam com a exclusividade do meio natural. Uma interrogação e preocupação constante destes dois artistas é a definição e conceito do que é natural. Alguns trabalhos de Christo e Jeanne-Claude demoravam anos, pois surgiam problemas técnicos e legais na construção e implementação dos mesmos.

A obra de Christo é questionável no que se refere aos problemas ecológicos, pois as quantidades de matéria artificial utilizadas na paisagem podem resultar em matérias poluentes, quilômetros de tecido levam tempo considerável a degradarem-se. A sua obra aproxima-se mais da Arte conceitual do que propriamente da Land Art.



Figura 12: The Gates de Christo e Jeanne-Claude Fonte: [<http://christojeanneclaude.net/tg.html>]

Nancy Holt – Nasceu em 1938 em Worcester, Massachusetts. Trabalhou e viveu em Nova Iorque entre 1960 e 1995, quando se muda para Galisteo no Novo México. Nancy Holt fez filmes, vídeos e instalações, bem como obras de escultura, na vertente da Arte pública. As suas esculturas focalizam-se primeiramente na percepção, espaço e ecologia, e estão ligadas à tipografia, psicologia e história de cada lugar.

Usando tijolo, pedra de alvenaria, terra e aço, Nancy Holt cria estruturas que, simultaneamente rodeiam e encerram horizontes, enquanto também cria um sentido de espaço alargado através de camadas de aberturas e túneis.

Padrões de luz solar e da luz do luar, alinhamentos das constelações e/ou reflexos na água, são intrínsecos a muitas das esculturas de Nancy Holt. Entre muitos dos seus projetos de Arte pública estão os “Sun Tunnels” (1973-76), no deserto do Utah, “Catch Basin” (1982), em Toronto, “Sole Source” (1983), em Dublin. A já referida obra “Sun Tunnels”, para a sua execução, Nancy Holt reuniu uma equipe que era composta por um astro físico, astrónomos, engenheiros, topógrafos e carpinteiros; esta obra levou quatro anos a ser concluída. As dimensões desta obra: 2,80 metros de diâmetro no exterior; 2,50 metros de diâmetro no interior; 5,50 metros de comprimento e 22 toneladas de peso.

Ao contrário de muitos Land Artist que defendem o efêmero, Nancy Holt gosta de tentar obras que perdurem e algumas das suas obras, são obras de Arte pública.



Figura 13: Sun Tunnel de Nancy Holt, 1973-76. Lucin, Utah. Fonte: Sawada, 2011.

Dennis Oppenheim – Nasceu em 1938 no estado de Washington, vive e trabalha em Nova Iorque desde 1967. Está entre os pioneiros da Land Art e desde os anos 60 que tenta usar a paisagem como tema.

Em 1969 assumiu diversos projetos, todos eles temporários e de curta duração, em lugares escolhidos nos Estados Unidos e Canadá. Estas obras foram dadas a conhecer através de documentação. Tal como outros artistas desta corrente, também Oppenheim escolhe lugares longínquos e o deserto.

Em 1967 realizou a sua primeira intervenção no território rural de Oakland; realiza um conjunto de trabalhos efêmeros e de grande escala. Em 1968 executa a intervenção “Projetos Agrícolas” que aborda o tema dos círculos da natureza e a obra “Annual Rings”, que consistia numa série de círculos concêntricos traçados sobre a neve nas margens de uma ribeira.



Annual Rings
U.S.A./Canada boundary at Fort Kent, Maine and Clair, New Brunswick. 150 x 200 Schemata of annual rings severed by political boundary.
Time: U.S.A. 1:30 pm Time: Canada 2:30 pm
(c) Dennis Oppenheim 1968

Figura 14: Annual Rings de Dennis Oppenheim, 1968. Fonte: Sawada, 2011.

Paralelamente ao trabalho realizado na década de 70, Oppenheim desenvolveu algumas manifestações próximas da Body Art, nas quais usa o próprio corpo enquanto suporte para a representação ou enquanto documento da ação das formas naturais. Dada a efemeridade de todos estes trabalhos, eram registrados em fotografia e há a destacar “Forças Paralelas” e “Posição de Leitura”.

A maior parte das intervenções que realizou durante a década de 70 é enquadráveis em princípios conceitualistas que conferem maior importância aos processos mentais do que ao caráter objetual.

A partir de 1986, a obra de Oppenheim adquire caráter irônico, denunciando proximidade com as correntes pós-modernas do Neodadaísmo e da Arte Pop. Utiliza com alguma frequência, materiais orgânicos e usa personagens humanas e animais que fazem referência às culturas populares ou literárias (como o rato Mickey).

Na última fase do seu trabalho, na obra “Finger Churches”, de 1994 e “Device to Root to Evil”, de 1996, Oppenheim utiliza maquetes de casas e objetos de grande escala em fibra de vidro, confirmando as suas tendências para a Arte Pop.

Richard Long – Escultor britânico nascido em 1945, tal como muitos outros artistas desta corrente de Land Art, completou os seus estudos na Saint Martin’s School of Art entre 1966-1968. Afirma que o seu trabalho tem por fonte a natureza, e que a usa com respeito e liberdade; utiliza os materiais, ideias, movimento e tempo para expressar uma visão completa da sua forma de Arte no mundo. Richard Long desenvolveu a sua ideia de escultura na paisagem usando meios muito simples e não convencionais.

Preocupava-se com a pequena escala, ao contrário de alguns dos seus contemporâneos. O seu trabalho caracteriza-se pela simplicidade das transformações operadas. Parte da sua obra resultou de passeios, quer no seu país natal quer pelo mundo, assinalava a suas caminhadas deixando pequenas e simples esculturas no percurso que fazia. A obra “Uma linha no Japão” (1979) é exemplificativa da sua forma de trabalhar. Tal como outros Land Artists “eterniza” as suas obras através da fotografia, que lhe servem de testemunho e as relacionam com o público. A partir dos anos 70, produz instalações permanentes para interiores, continuando a recorrer a materiais naturais.



Figura15: A Line Made by Walking Richard Long, 1967. Somerset, England. Fonte: Sawada, 2011.

Richard Long representou a Inglaterra na Bienal de Veneza (1976) e, em 1989, ganhou o Turner Prize da Tate Gallery de Londres.

Hamish Fulton – Land Artist, nascido em Londres, em 1946, foi expulso da Academia Real de Arte de Bristol, por ter ideias incomuns acerca da Arte. De 1966 a 1968, estudou na Saint Martin's School.

O trabalho de Fulton resulta das suas longas caminhadas; usa a fotografia e a palavra como forma de representar os sentimentos e sensações que lhe advêm dessas longas caminhadas.

O tempo de duração dos seus passeios pode variar de um dia a vários meses. As reações de Hamish Fulton à paisagem dependem da extensão da caminhada e do número de fotografias que tira. O ato de andar ajuda a evocar o estado de espírito e forma de se relacionar com a paisagem. Fulton acredita que há uma grande correlação entre o seu estado de espírito e a sua performance no andar. Quando anda, tenta esvaziar o mais possível a sua mente, para realçar as qualidades meditativas do seu caminhar.

Diz ainda que a obra de Arte não pode representar a experiência da caminhada. As influências da natureza devem passar desta para ele e não dele para a natureza. Não faz “arranjos”, assim como não remove, não vende e retoma, não escava, não rasga ou corta com maquinaria pesada qualquer elemento do ambiente natural. Todo o seu trabalho artístico é feito de materiais comercialmente avaliáveis, molduras de madeira e fotografia tradicional.

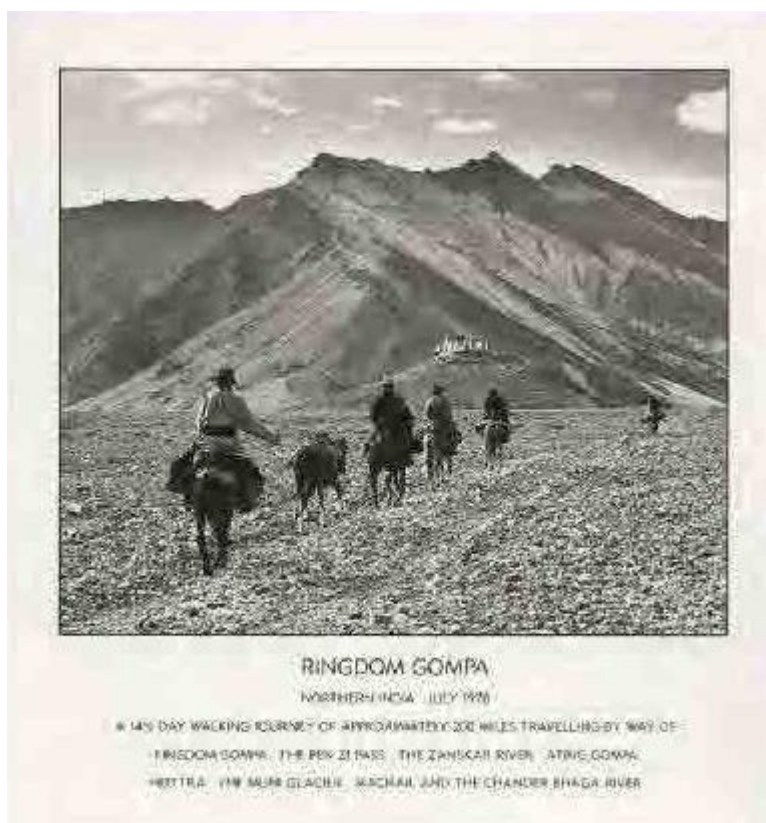


Figura 16: Ringdom Gompa de Hamish Fulton, 1978. Fotografia do artista.
Fonte: Sawada, 2011.

Não usa objetos naturais encontrados, como ossos de animais e pedras dos rios. De qualquer das formas a diferença entre estes dois métodos é simbólica e não ecológica.

Desde 1980 Fulton mostra o seu trabalho pintando diretamente nas paredes das salas de exposição. Fulton deixa claro que as diversas experiências visuais e o esforço físico da caminhada não podem ser reproduzidos.

Segundo Sawada (2011), existem manifestações de Land Art pelo mundo, porém as mais conhecidas e influentes foram as executadas nos Estados Unidos, sendo considerada a verdadeira Land Art e na Europa, em especial, na Inglaterra. No Brasil, não podemos dizer que existem manifestações de Land Art, como o termo original expressa, mas é possível associar a trabalhos de intervenções urbanas, como do grupo Arte/Cidade e os trabalhos de Hélio Oiticica, porém, com um sentido um pouco diferente do original.

Houve alguns artistas e obras que devido a suas características compartilhavam as afinidades da Land Art, principalmente devido a incorporação da paisagem em suas obras ou devido ao seu discurso.

Frans Krajcberg e Hélio Oiticica são, provavelmente, os artistas contemporâneos que mais questionaram os modos de produção e as heranças de nossas paisagens.



Figura 17: Magic Square de Hélio Oiticica, 1977. Fonte: Sawada, 2011.

Como exemplo de obra, pode-se citar a “Magic Square” de Hélio Oiticica, que traz reflexões sobre como a Arte Contemporânea brasileira foi gradualmente referindo-se à paisagem, dos aspectos estéticos até sua produção, e incluindo a experiência da paisagem.

CAPÍTULO 2

2- Reflexões sobre a Arte Contemporânea, conceito de escultura e a percepção na Land Art

2.1 - Reflexões sobre a transição da Arte Moderna para Arte Contemporânea

Na década de 1960, de acordo com estudos sobre a Arte Contemporânea (Enciclopédia Itaú Cultural, 2011), principalmente com o advento da Arte pop e do minimalismo, há um rompimento no que se relaciona à pauta moderna, que para alguns pode se considerado como o início do pós-modernismo. Segundo Cauquelin (2005), “há, de fato, uma ruptura entre os dois modelos apresentados, o da Arte Moderna, pertencente ao regime de consumo, e o da Arte Contemporânea, pertencente ao de comunicação.”

Devido as estas mudanças, pensar a Arte em categorias como a "pintura" ou "escultura" era impraticável. Concebê-la com base no valor visual era ainda mais difícil. O cenário que se descortina é um mercado internacionalizado das novas mídias e tecnologias e de variados atores sociais que aliam política e subjetividade (negros, mulheres, homossexuais etc.) - explode os enquadramentos sociais e artísticos do modernismo abrindo-se a experiências culturais díspares (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2011).

Estas novas denominações artísticas, são distintas, mas compartilham de pontos em comuns, tentam dirigir a Arte às coisas do mundo, à natureza, à realidade urbana e ao mundo da tecnologia, cada um ao seu modo. Assim as obras proferem diferentes linguagens, afrontam as classificações, questionando o caráter das representações artísticas e a própria definição de Arte. E ainda, criticam o mercado e o sistema de validação da Arte.

De acordo com Koneski (2012), que compartilha de um conceito de Arte Contemporânea como sendo a “Arte que num dado momento não mais se deixa ler pelos moldes tradicionais, uma Arte que provoca a crise dos fundamentos.” Ainda segundo a autora:

a Arte ocidental foi, por longo tempo, regida pelos fundamentos. Para tal, basta ver os renascimentos pelos quais passou sempre inspirados por retomadas do clássico, do desenrolar-se contínuo da força do fundamento na história. Verificamos que há um momento em que parece não ser mais

possível pensar a Arte como antes, seja como pensamento moderno ou do passado clássico.

Para Cauquelin (2005, p. 92), “essa ruptura não é uma oposição, que estaria ligada à antítese seguindo uma cadeia causal, mas, sim, um deslocamento de domínio.” Assim o “meio é a mensagem” (Marsall MacLuhan), e estabelece a unicidade com a comunicação. Cauquelin coloca que “a Arte não é mais uma questão de conteúdos (formas, cores, visões, interpretações da realidade, maneira ou estilo), mas de continente”. Ainda segundo Cauquelin (2005, 93):

Atitude antinômica à de Walter Benjamin que, em um texto famoso, deplora a perda da aura da obra de Arte, que de única e não-reproduzível, tornou-se peça de um jogo mecânico de reprodução técnica. Antigamente unida ao local onde e para a qual tinha sido concebida, a obra está agora exposta a todos, em locais que não são feitos para ela. Para Benjamin, a exposição é a marca, moderna, da inautenticidade das obras.

De acordo com a Enciclopédia Itaú Cultural (2011), “tanto a Arte pop quanto o minimalismo estabelecem um diálogo crítico com o expressionismo abstrato. A Arte pop - Andy Warhol, Roy Lichtenstein, Claes Oldenburg e outros - traduz uma atitude contrária ao hermetismo da Arte Moderna.” E ainda:

A comunicação direta com o público por meio de signos e símbolos retirados da cultura de massa e do cotidiano - histórias em quadrinhos, publicidade, imagens televisivas e cinematográficas - constitui o objetivo primeiro de um movimento que recusa a separação Arte e vida, na esteira da estética anti-Arte dos dadaístas e surrealistas. Além disto, há uma adoção de outro tipo de figuração, que se beneficia de imagens, comuns e descartáveis, veiculadas pelas mídias e novas tecnologias, bem como de figuras emblemáticas do mundo contemporâneo, a Marilyn Monroe de Andy Warhol, por exemplo (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2011).

Neste período, o artista torna-se crítico dele mesmo, dos materiais usados, além disto, os artistas nunca tiveram tanta liberdade criadora, principalmente devido a variedade de materiais utilizados nas obras. Há muitos caminhos e possibilidades, mas também muita inquietação. Neste clima, ele se volta mais para o ambiente e para o espaço. De acordo com a Enciclopédia Itaú Cultural (2011):

Uma expansão crítica dessa vertente encontra-se nas experiências do pós-modernismo, em obras como as de Richard Serra e Eva Hesse. Parte da pesquisa de Serra, sobretudo suas obras públicas, toca diretamente às relações entre Arte e ambiente, em consonância com uma tendência da Arte Contemporânea que se volta mais decididamente para o espaço - incorporando-o à obra e/ou transformando-o -, seja ele o espaço da galeria, o ambiente natural ou as áreas urbanas. Preocupações semelhantes, traduzidas em intervenções sobre a paisagem natural, podem ser observadas na Land Art de Walter De Maria e Robert Smithson. Outras orientações da Arte ambiente se verificam nas obras de Richard Long e Christo. A percepção do observador, pensada como experiência ou

atividade que ajuda a produzir a realidade descoberta, é largamente explorada pelas instalações (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2011).



Figura 18: Marilyn Moore de Andy Warhol, 1962

Fonte: <http://www.designlovrs.com.br/2009/07/o-principe-da-pop-art-andy-warhol-pop-art-2/>

Com estas novas denominações artísticas, há uma mistura do tradicional e da novidade, mexendo com conceito de categorias como a escultura e mudando a maneira de ver e os significados da mesma. Há uma ampliação do conceito de escultura. Segundo Cristeli (2009), “até o final do século XIX, o termo escultura definia quase toda a produção tridimensional na Arte.” Ainda segundo o autor:

Com as rupturas e mudanças ocorridas a partir do início do século XX, surgiram novas maneiras de se fazer e perceber a escultura em relação aos procedimentos tradicionais. Começam a ser incorporados novos conceitos, novos processos e novas maneiras de se trabalhar a matéria e o espaço.

2.2 - Mudança no conceito de escultura

Na definição da historiadora e crítica Rosalind Krauss, a categoria denominada de “escultura” após os anos 60, se torna muito maleável, como num “campo ampliado”, onde se aceita quase tudo com esta denominação, desde “corredores estreitos com monitores de TV ao fundo; grandes fotografias

documentando caminhadas campestres; espelhos dispostos em ângulos inusitados em quartos comuns; até linhas provisórias traçadas no deserto.”

Ainda segundo Rosalind Krauss (1979), no seu artigo “A escultura no campo ampliado”:

Categories como escultura e pintura foram moldadas, esticadas e torcidas por essa crítica, numa demonstração extraordinária de elasticidade, evidenciando como o significado de um termo cultural pode ser ampliado a ponto de incluir quase tudo. Apesar do uso elástico de um termo como escultura ser abertamente usado em nome da vanguarda estética — da ideologia do novo — sua mensagem latente é aquela do historicismo.

Em seu artigo Intitulado “O fim da escultura”, Daniel Piza (1999), discuti sobre as mudanças ocorridas na categoria escultura a partir do modernismo, para ele:

o escultor moderno, a partir de Rodin, abandona o *corpus* aristotélico, de contornos firmes e figurações fixas, e instala na forma tridimensional a instabilidade. Não se trata mais da “estátua” que se ergue a partir do pedestal, e sim de um objeto que ganha mobilidade e imprecisão, expandindo-se para o vazio ou deixando-se cortar por ele.

Estas mudanças na Arte são um reflexo do que já estava ocorrendo na sociedade, mudanças no modo de vida das pessoas, as novas tecnologias. De acordo com Cristeli (2009) é:

Devido à evolução das ideias, às mudanças de conceitos, à industrialização, ao surgimento de novos materiais, técnicas, ferramentas e ao modo de viver, os artistas passam a produzir novos objetos. A chamada *construção*, que surge no início do século XX, ou seja, a montagem de uma escultura através de várias partes, de materiais iguais ou diferentes, já não se enquadra nas definições tradicionais de escultura.

Mas para Krauss (1979) “o processo de elasticidade pelo qual a “categoria” escultura estava passando, era devida, em parte, a colaboração da crítica americana do pós-guerra. Assim, o termo escultura que pensava estar resguardando, começou a se tornar obscuro.” Para a autora:

Havíamos pensado em utilizar uma categoria universal para autenticar um grupo de singularidades; mas esta categoria, ao ser forçada a abranger campo tão heterogêneo, corre perigo de entrar em colapso. Logo, ao olharmos para o buraco feito no solo, pensamos que sabemos e não sabemos o que seja escultura.

De acordo com Piza (1999), o que acontece é que as “noções clássicas de peso e volumetria são minadas, e o que se apresenta ao espectador é mais um processo do que um produto.” Segundo o autor:

O ornamento, o acabamento e a unidade dão lugar ao silêncio, ao indefinido e à multiplicidade. Como um totem, a escultura moderna reside na fronteira nebulosa entre o fixo e o livre, o real e a interpretação, o concreto e o conceito.

Para Piza (1999), “a pintura mudou muito do Renascimento até Picasso, passando por vários criadores, mas a escultura não. De Michelangelo até Rodin havia muito mais em comum.” O autor explica que é um erro dizer que “a escultura do século XX apoia-se num cruzamento de tempo e espaço”, pois toda escultura é concebida em sua tridimensionalidade e, portanto, na possibilidade de ser olhada de diversos ângulos, rodeada, auscultada.

Assim segundo Piza (1999), o que “realmente a escultura do século XX faz é modificar este cruzamento”, e:

retirá-lo da correspondência binária, gravitacional, em que espaço e tempo se somam para produzir uma suposta unidade. Ela rompe com tal hierarquia; afasta a figura da representatividade ideal ou realista; quebra o espelho e subverte seu arranjo antropomórfico.

Entretanto para Krauss (1979), a “escultura é uma categoria ligada à história — não uma categoria universal — com suas próprias regras e convenções, que não estariam abertas a grandes modificações.” O que ela termina por assumir como uma dessas regras é o fato de que “a lógica da escultura é inseparável da lógica do monumento”. Em função dessa lógica e do seu papel como marco, as esculturas seriam “normalmente figurativas e verticais e seus pedestais importantes por fazerem a mediação entre o local onde se situam e o signo que representam”.

De acordo com Piza (1999), a “meio caminho entre o orgânico e o arbitrário, o real e o mítico, o figurativo e o abstrato, a escultura moderna criou em todas as suas vertentes uma nova forma de perceber o espaço, tirando-a da axiometria e da simetria tradicionais.” Ainda segundo o autor:

Vazios puderam ser vistos como sólidos, cortes puderam funcionar como expansões, pesos foram convertidos em levezas. No jogo entre contornos e profundidades o olhar aprendeu que o conteúdo não se aprisiona na forma e vice-versa. Assim, no caso dos minimalistas e da Land Art, aquilo que era vital e humano para os modernos se tornou muitas vezes esquemático e vago.

2.3 - Escultura na Land Art

Miguel Leal (s/d) discute em seu artigo a inserção da Land Art na categoria escultura. De acordo com o autor:

a Land Art insere-se genericamente numa tradição que é a da escultura. Porém, combina de um modo radical as noções de espaço e de tempo, deixando-se contaminar pelas Artes performativas e pela crescente conceptualização da prática artística. Por um lado, representa uma das

faces do pós-minimalismo, na sua crítica ao formalismo e ao objeto, por outro, afirma-se na sua individualidade, problematizando noções como a de contextualidade, de *site-specific* ou de Arte pública, no quadro de uma espacialização das políticas culturais.

Isaac (2013), explica que “questões, que inter-relacionam tempo, espaço e percepção, compõem o mote essencial da escultura Contemporânea”, e ainda:

Que a mesma se desprende de sua estrutura e lógica internas para hibridar-se com o lugar e o entorno, desde praças públicas até lugares banais do cotidiano, das cordilheiras do Himalaia ao deserto norte-americano, de campos agrícolas a um bosque. Soma-se à necessidade interna da Arte de reagir contra a condição de objeto de determinado mercado, a expansão de ocupação e contatos relacionais que reverberam significados. Nesta expansão, a Arte abarca a paisagem, cuja leitura, produção, elementos naturais e culturais unem-se à obra. É esta a Arte da paisagem no contemporâneo, uma expansão radical da Arte em busca de referenciais mais amplos da organização social.

Para Cauquelin (2005), na verdade, o que está em “jogo com a Land Art é exatamente a concretização, a visibilidade presumida das categorias do espaço e do tempo.” Ainda segundo a autora:

Colocar um rochedo no deserto de Nevada, traçar uma linha sobre quilômetros de paisagem, dispor círculos de pedras em um local afastado chamam a atenção sobre a constituição de uma cena que passaria despercebida sem essas marcas, sobre a composição de toda cena em geral. Marcas que se fundem na paisagem natural, apagam-se com o tempo, ou exigem tempo para descobri-las ou percorrê-las. Invisíveis para os amadores devido a seu afastamento, impossíveis de ser expostos em locais institucionais, afastados do público, os trabalhos de Land Art fazem do espectador não mais um observador-autor como queria Duchamp, mas uma testemunha de quem exige acrença: de fato, apenas as fotografias, um diário de viagem, notas tomadas ao longo do trabalho de reconhecimento estão disponíveis atestando que, de fato, existe alguma coisa relacionada à Arte acontecendo ‘lá longe’, em algum lugar.

A Land Art devido as suas características, de serem realizadas em locais naturais, às vezes, afastados das áreas urbanas, apresentam aspectos que dificultam a interação com o público, que são os problemas da locação e da distância. Por isto, e também por algumas obras possuírem natureza efêmera, as mesmas, só sobrevivem nos registros documentais como: fotografias, vídeos, diários de trabalho. Cauquelin (2005) destaca que a “presença efetiva nos locais, ou seja, a relação visual que sempre é, de algum modo, de natureza emocional, está esmaecida.” A autora coloca que a fotografia não é uma reprodução do real, e quando a obra é vista, não possui características puramente gráficas, pois assim estaria negando a experiência temporal, que é o conteúdo real da obra.

Por outro lado, há a necessidade da presença do espectador na obra, para que ele perceba e interaja com a mesma, estabelecendo assim uma ligação com o local, além da experiência temporal. Para Carl Andre (1989), citado por Cauquelin (2005), “um local é uma área dentro de um ambiente que foi alterado de maneira a tornar o ambiente geral mais perceptível.” A autora explica que a “Land Art reforça a ocupação de um território vazio, sem função específica, que a obra então faz existir como local marcado, dotado de coeficiente de Arte e que, sem tal ação, permaneceria desabitado.”

2.4 – Discussão sobre Percepção na Land Art

Para Sawada (2011), “percepção e espacialidade só são sentidas de fato quanto vivenciadas.” Assim uma fotografia, uma gravura ou figura num livro ou um vídeo de uma obra só é capaz de permitir uma ideia sobre o trabalho, só possibilita um a visualização da volumetria da obra, mas não o espaço real; “a percepção adquirida sobre a obra através de imagens realizadas por terceiros nem sempre é a mesma que seria sentida quando vivenciada no real.”

Os trabalhos de Land Art tem esta característica marcante, da percepção do observador, onde o espectador precisa tomar consciência da obra e do entorno por meio dos sentidos. O mesmo envolve a percepção, tanto do observador, quanto do artista.

Sawada (2011) explicar que “todos os trabalhos de Land Art exigem a percepção do observador.” A enciclopédia Itaú Cultural expõe a importância da percepção do observador na formação da Land Art:

O trabalho artístico dirige-se à natureza, transformando o entorno, com o qual se relaciona intimamente. As obras, de grandes dimensões, resistem à observação distanciada, a não ser por meio de fotografias e filmes. Para experimentá-las, é preciso que o sujeito se coloque dentro delas, percorrendo os caminhos e passagens que projetam. Ancorados num tempo e espaço precisos, os trabalhos rejeitam a sedução do observador ou as sugestões metafóricas. Põem ênfase na percepção, pensada como experiência ou atividade que ajuda a produzir a realidade descoberta. O trabalho de Arte é concebido como fruto de relações entre espaço, tempo, luz e campo de visão do observador.

De acordo com Isaac (2013), “alguns autores, ao abordarem a paisagem, focam a percepção, o modo de ver como fator que inventa ou faz nascer a paisagem.” Cauquelin (2007) ressalta o quanto a construção do olhar, a partir da pintura de paisagem, se enraizou em nós de modo a tomarmos como natural uma

paisagem planejada e construída. Ao contemplarmos uma exterioridade dada pela paisagem, estamos reproduzindo “esquemas mentais, plenos de uma evidência longínqua, e milhares de projeções anteriores.”

De acordo com Bryson (1988) citado por Barbosa (1998), colocam que “Todas as coisas que nós presumíamos serem privadas e internas como a percepção, a Arte e a percepção da Arte, devem ser vistas e construídas socialmente e como construtores do social.”

Em sua dissertação intitulada “Fundando sensibilidades, educando os sentidos”, Segantini (2010), discutindo sobre percepção coloca que o “termo percepção vem do grego *aísthesis*, que pode ser traduzido por percepção. “A *aísthesis* é a apreensão do que é corpóreo, através dos poderes ou faculdades próprias ao corpo: visão, audição, tato, etc” (OLIVEIRA, 2006, p. 31).” Ainda segundo a autora:

A estética, como ramo da metafísica, está muito associada a um “discurso que investiga as nossas relações com as obras de Arte, e os sentimentos e pensamentos provocados por elas” (OLIVEIRA, 2006, p. 31). Contudo, parece-nos importante extrapolar essa relação estética apenas com o objeto artístico e envolver a percepção – possível pelo corpo e pelos seus sentidos – com outras dimensões da vida. Estamos lidando, portanto, com uma *aísthesis* cotidiana. Não só a obra de Arte nos atinge por uma(s) da(s) via(s) do(s) sentido(s). Apreender o mundo exige a participação deles.

Yi-Fu Tuan (1974), citado por Okamoto (2002), afirma que “percepção, atitude, valor e visão do mundo estão entre as palavras-chave para nossa visão do meio ambiente físico, natural e humanizado.” E ainda faz a seguinte consideração:

[...] a percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, quanto a atividade proposital, na qual alguns fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que é percebido tem valor para nós, quer para prover-nos de nossa sobrevivência biológica, quer para propiciar-nos algumas satisfações de conformidade com a nossa cultura (1974, p.4).

Segundo Ribeiro (2004), citado por Carvalho e Souza (2012), “o que o indivíduo percebe nem sempre é o que o ambiente é, mas o que seus sentidos apreendem a partir do seu filtro cultural”. O autor continua:

Desta forma, a percepção ambiental das pessoas também é diretamente afetada por fatores relacionados com sua forma de vida. Isso faz com que, de uma maneira geral, boa parte da população passe a não apresentar consciência ecológica. Esta situação ocorre, principalmente, porque os fatores externos (educação, cultura e relações interpessoais) não direcionam ou incentivam os indivíduos a desenvolverem tal consciência.

Barbosa (1998), discuti em seu livro Tópicos Utópicos, no capítulo sobre “Educação e Meio Ambiente”, onde ressalta que: “é muito importante não esquecer que o equilíbrio ecológico e o equilíbrio social estão relacionados e são parte da mesma realidade.” E continua:

Não poderemos resolver os problemas do ambiente natural sem tomar conhecimento dos problemas políticos, econômicos, sociais e educacionais que induzem às ações predatórias e as permeiam. Os artistas e os Arte-educadores têm um importante papel a desempenhar nos esforços para preservar a natureza e os seres humanos na natureza.

CAPÍTULO 3

3 - O ensino-aprendizagem de Arte Contemporânea nas escolas e a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa

3.1 – Reflexão sobre o ensino de Arte Contemporânea no Ensino Médio

Na atualidade, com a expansão da Arte Contemporânea e devido as suas características, torna-se importante trabalhar a mesma em sala de aula, pois, é uma prática escolar mais reflexiva e investigativa. Ela se aproxima da vida, valoriza a experiência, a abertura, a complexidade e o aprofundamento no processo produtivo e cognitivo dos alunos, uma proposta na qual a pluralidade de processos e de experimentações são concepções que permeiam tanto a discussão sobre Arte quanto a produção dos alunos e para a qual são necessárias novas posturas.

Para Tesch e Vergara (2012), o ensino de Arte Contemporânea abre possibilidades de discussões sobre a própria vida. Ainda segundo os autores:

É uma oportunidade de mexer com conceitos pré-estabelecidos, gerando uma mudança de postura no educando. A Arte estática e contemplativa passa a ser percebida como interativa e próxima do nosso cotidiano. E ao fazer essa relação entre a Arte e a vida, o educador estará contribuindo para a construção de uma sociedade plural e multicultural.

No ambiente escolar, inserir o ensino de Arte Contemporânea constitui um desafio para os educadores. A sua aplicação é frequentemente ignorado ou .mesmo quando é aplicado acaba sendo negligenciado na forma como é ensinado na disciplina de Arte.

Entre os prováveis fatores que contribuem para esta situação podem-se inferir a falta de preparo dos professores ou mesmo professores de outras áreas que ministram a disciplina de Artes e ainda a dificuldade de assimilação das linguagens artísticas contemporâneas. De acordo com Capra (2007), “a formação insuficiente dos professores é apontada, pelas diversas áreas do conhecimento que têm se empenhado em pensar a Educação, como um de seus principais problemas.”

Rodanthi Mihail Moudatsos (2013), comenta em um artigo que discuti a possibilidade de se ensinar Arte Contemporânea nas escolas, colocando o seguinte:

Muitos professores não conseguem entender a Arte Contemporânea e assim encontram uma enorme dificuldade para elaborar planos de aula e bons projetos. É difícil esclarecer tais dúvidas em um tempo em que o parâmetro para saber o que é Arte nada depende da análise da obra em si, mas sim do texto explicativo composto para ela e o nome do artista.

Tesch e Vergara (2012) discutem a inclusão da Arte Contemporânea no ensino de Artes, “ implica tanto uma reformulação de métodos, como a adoção de uma postura aberta por parte do educador.” E citam uma expressão de Duarte Junior (1991): “Fechar os olhos para essas transformações é estar disposto a total estagnação ou mesmo anestesia.”

Mas apesar dos problemas citados na prática educacional de Arte, há grandes avanços em relação à pesquisa de Arte/educação. Dentre estas, destaca-se a abordagem Triangular elaborada pela Professora Ana Mae Barbosa.

Segundo Souza e Rizzi (s/d) a abordagem Triangular foi elaborada “a partir do estudo minucioso de três abordagens epistemológicas: as “Escuelas al Aire Libre”, mexicanas; o “Critical Studies”, inglês e o “Discipline Based Art Education (DBAE)”, americano.” Ainda segundo as autoras: “(...) a composição do programa do ensino de Arte seja elaborada a partir das três ações básicas que executamos quando nos relacionamos com Arte. São elas: fazer Arte, contextualizar e ler obras de Arte.” (Rizzi in BARBOSA)

De acordo com Leão (2003), a proposta triangular de Ana Mae Barbosa (1991) propõe os seguintes tópicos:

Conhecer Arte (história da Arte) possibilita o entendimento de que Arte se dá num contexto, tempo e espaço onde se situam as obras de Arte. Contextualizar a mesma. **Apreciar Arte** (análise da obra de Arte) desenvolve a habilidade de ver e descobrir as qualidades da obra de Arte e do mundo visual que cerca o apreciador. A partir da

apreciação, educa-se o senso estético e o aluno pode julgar com objetividade a qualidade das imagens.

Fazer Arte (fazer artístico) desenvolve a criação de imagens expressivas. Os alunos conscientizam-se das suas capacidades de elaborar imagens, experimentando os recursos da linguagem, as técnicas existentes e a invenção de outras formas de trabalhar a sua expressão criadora.

A junção destas três ações permite que o aluno compreenda a obra de Arte, contextualizando o período em que a mesma foi realizada, como foi realizada, os materiais que foram utilizados, podendo assim fazer relações com a atualidade. Este processo tem que ser com as três ações em conjunto, evitando a separação e o distanciamento de cada fase. Para a Prof^a. Ana Mae, estudar e fazer Arte devem ser pensados para desenvolver a cognição.

Segundo Rizzi, (in Barbosa, 2008), a Abordagem Triangular ao relacionar as três ações básicas e suas respectivas áreas de conhecimento considera Arte como cognição e expressão. Pode ser operacionalizada a partir da articulação pertinente, orgânica e significativa dos domínios de conhecimento. Como entrada nesta articulação de ações combinadas temos seis sequências de possibilidades (quadro1):

Quadro 1: Sequências de possibilidades das três ações combinadas da Abordagem Triangular

SEQUÊNCIAS	AÇÕES BÁSICAS		
Sequência 1	Apreciar	Fazer	Contextualizar
Sequência 2	Fazer	Apreciar	Contextualizar
Sequência 3	Contextualizar	Fazer	Apreciar
Sequência 4	Apreciar	Contextualizar	Fazer
Sequência 5	Contextualizar	Apreciar	Fazer
Sequência 6	Fazer	Contextualizar	Apreciar

Fonte: Rizzi (in Barbosa), 2008.

Souza e Rizzi (s/d), explicam que a “Abordagem Triangular permite uma interação dinâmica e multidimensional entre as partes e o todo e vice-versa.”

A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa é hoje a principal referência do ensino da Arte no Brasil.

3.2 - Atividade com alunos do Ensino Médio sobre Arte Contemporânea – Land Art

A proposta para o terceiro capítulo, além da discussão de Arte-educação, era realizar uma atividade com uma turma do ensino médio. Resolvemos realizar uma discussão sobre Arte Contemporânea, já que não sabíamos o nível de conhecimento que os alunos possuíam sobre este conteúdo.

A atividade foi realizada com alunos do 2º ano do Ensino Médio da E.E..Dr. Antônio Ferreira Lisboa Dias. Esta escola fica situada no Bairro SIR, na periferia da cidade de Governador Valadares/MG. Como quase toda periferia do Brasil, estes jovens são carentes e vivem em situação de risco, devido ao alto índice de violência, principalmente relacionado a drogas.

A cidade de Governador Valadares está localizada no leste do estado de Minas Gerais, cerca 320 km da capital, Belo Horizonte. Possui aproximadamente 300.000 habitantes e é cortado pelo Rio Doce. Conhecida pelo Pico do Ibituruna, local ideal para a prática de voo livre, inclusive sediando campeonatos nacionais e internacionais de voo livre.

Esta atividade foi dividida em três momentos. O primeiro momento foi aplicado um questionário com sete perguntas (anexo) para fazer um levantamento prévio do conhecimento dos alunos sobre Arte Contemporânea. Também foi realizada a aplicação de um questionário para a professora de Artes da escola (em anexo).

Em um segundo momento foi apresentado algumas fotos de obras famosas de várias épocas, com certa ordem cronológica, onde foram discutidos alguns aspectos das mesmas, sendo a apresentação em Power point. Em seguida foi exibido o documentário: “Quem tem medo de Arte Contemporâneo?”. Logo após houve uma discussão e busca de impressões sobre Arte Contemporânea. Esta discussão foi gravada.

E no terceiro momento foi apresentado algumas fotos de obras de Land Art e a exibição de um pequeno documentário (4 minutos) sobre Land Art. Os alunos uma breve colocação sobre que acharam das obras e fiz um encerramento do assunto.

Os questionários aplicados aos alunos foram com questões objetivas e abertas, questionário semi-estruturados e a pesquisa foi qualitativa e quantitativa. Já

o questionário aplicado a professora era com questões abertas, semi-estruturado e a pesquisa é qualitativa.

3.2.1 – Análise dos questionários dos alunos

A turma é do 2ª ano do ensino médio. A média de idade dos alunos desta turma é de 16 anos. São 25 alunos, sendo 12 meninas e 13 meninos. Abaixo segue a análise das respostas dos alunos.

Primeira pergunta: Defina Arte.

Quadro 2: Respostas da pergunta 1.

Nº de Alunos	Resposta dos alunos
05	Forma de expressão através da música, dança, poesia e outros.
05	Relacionado a cultura.
03	Tudo que pode ser exposto / obra prima.
02	É o que a agente ver e senti.
02	Meio de expressar opinião / pensamento.
01	Meio de expressão, muitas das vezes de coisas do cotidiano.
01	Tudo que a pessoa possa usar para expressão um tipo de cultura.
01	Tudo que acha bonito (pintura, música).
01	É a expressão do mais profundo do artista.
01	É amar o que faz.
01	É tudo.
01	É um mundo próprio.
03	Não responderam.

Fonte: Autoria própria.

No quadro 2, as respostas a pergunta 1, destaca-se a associação que os alunos fazem entre Arte como forma de expressão, seja expressão através de alguma de sua modalidade (dança, Artes visuais ou mesmo a escrita), de suas opiniões, pensamento, cultura, até coisas do cotidiano. Outros associam com o produto da Arte, com o sentimento e a criatividade deles e do artista.

Segunda pergunta: Como se faz Arte?

Quadro 3 : Respostas da pergunta 2

Nº de Alunos	Resposta dos alunos
03	Feito de diversas maneiras / várias formas.
02	Com o coração, com o que sente / com amor.
02	Naturalmente, se expressando de maneira livre
02	Sentindo algum sentimento / pela emoção.
01	Se expressando com sinceridade, usando o seu talento.
01	Depende da Arte.
01	Criando pinturas, desenhos, mosaicos, etc.
01	Vários modos divergentes.
01	Inspiração.
01	Qualquer material.
01	Faz pela cultura.
01	É viver intensamente.
01	Estudando.
01	Com a mão.
01	Cada artista tem um modo diferente
01	Empenhando
04	Não responderam

Fonte: Autoria própria.

No quadro 3, as respostas a pergunta 2, os alunos associam o fazer Arte com a técnica, material ou as possibilidades / modalidades artísticas. Outros associam ao sentimento/emoção, talento ou inspiração. A resposta interessante foi coloca a necessidade de estudar para fazer Arte.

Terceira pergunta: O que é ser artista?

Quadro 4 : Respostas da pergunta 3.

Nº de Alunos	Resposta dos alunos
02	É mostrar o que realmente sabe.
01	É trabalhar com coisas que tocam o coração.
01	É saber expressar algo de maneira excêntrica / única.
01	É saber expressar na pintura, desenho, etc. Criar aquilo que tem em mente.
01	É saber enxergar algo bonito nas coisas mais simples.
01	É expor o seu interior.
01	Aquele que vive do que faz, do que gosta.
01	É alguém que sabe interpretar a Arte e a inclui no seu dia-a-dia.
01	Ser artista é colocar sua vida no papel.
01	É aquele que faz Arte, que conhece e estuda o assunto.
01	É criar formas de se expressar.
01	É saber expressar aquilo que está sentindo.
01	O dom de fazer Arte, expressar suas opiniões de alguma forma.
01	Fazer algo único.
01	Dedicar a cultura.
01	Criar as suas próprias possibilidades.
01	Mostrar que é capaz, o que gosta.
01	Um talento.
01	É saber expor seus pensamentos e sentimentos independentes da maneira.
05	Não responderam

Fonte: Autoria própria.

No quadro 4, as respostas a pergunta 3, os alunos associam artista com talento, dom, com capacidade de criar e ainda criar obras únicas, com cultura. Relacionam com a forma de vida do artista. Relacionam também com sentimento e se expressam até de forma poética quando escrevem: “É saber enxergar algo bonito nas coisas mais simples”, atribui assim ao artista uma capacidade de ver coisas que as outras pessoas não conseguem ver. E fazem até colocações profundas, como: “É expor o seu interior”. E ainda associam com o conhecimento do artista, o que ele estudou.

Quarta pergunta: Você conhece ou já ouviu falar em Arte Contemporânea?

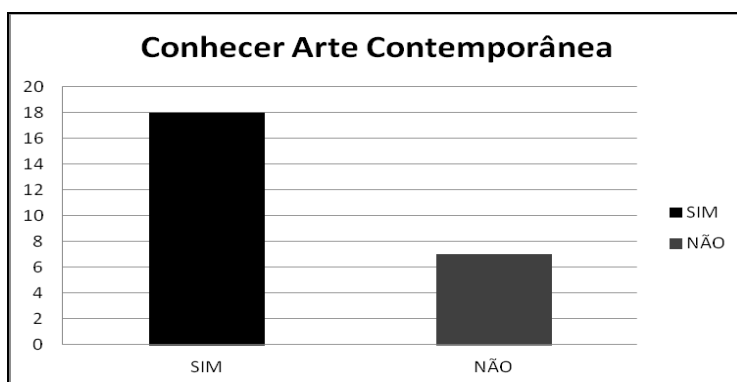


Gráfico 1: Resposta a pergunta 4. Fonte: Autoria própria.

No gráfico 1, dezoito alunos responderam que conheciam ou já ouviram falar em Arte Contemporânea e sete alunos responderam que não conheciam. Ou seja, aproximadamente 70% dos alunos responderam que conhecem Arte Contemporânea.

Quinta pergunta: Você conhece ou já ouviu falar em Land Art ou Arte Ambiental?

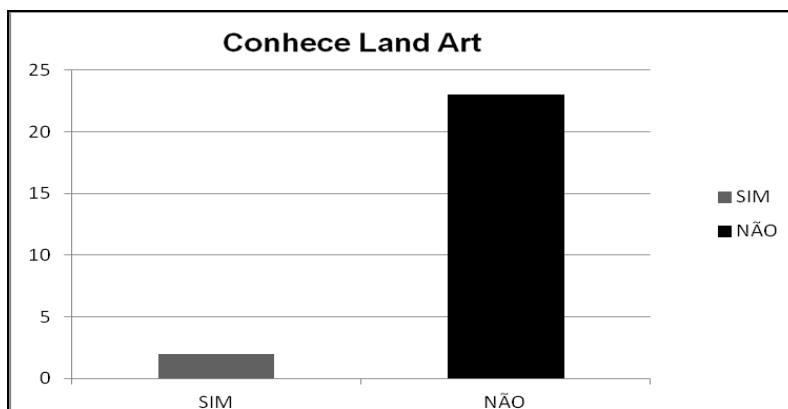


Gráfico 2: Resposta a pergunta 5. Fonte: Autoria própria.

No gráfico 2, vinte e três alunos responderam que não conheciam Land Art e dois alunos responderam que conheciam. Ou seja, aproximadamente 99% dos alunos não conheciam ou já ouviram falar em Land Art. Ou seja, aproximadamente 90% dos alunos responderam que não conheciam a Land Art.

Sexta pergunta: Você conhece algum artista (pessoalmente ou por suas obras)?

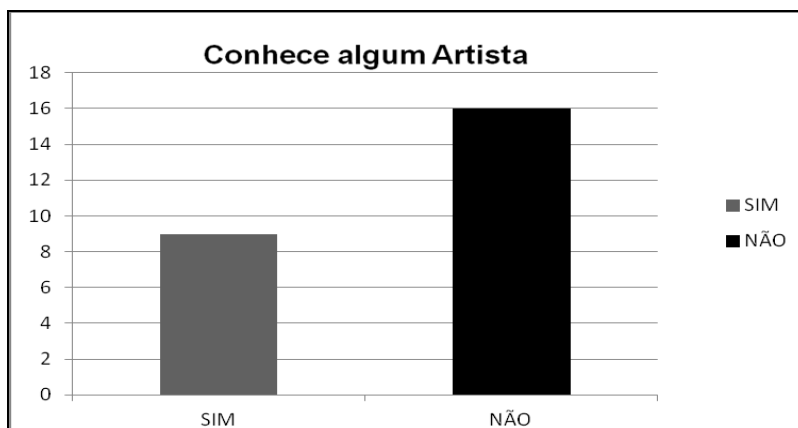


Gráfico 3: Resposta a pergunta 6. Fonte: Autoria própria.

No gráfico 3, dezesseis alunos responderam que não conhecem nenhum artista e nove alunos responderam que conheciam algum artista. Ou seja, aproximadamente 64% dos alunos relataram que não conhecem nenhum artista.

Sétima pergunta: Como é o trabalho dele?

Quadro 5: Respostas da pergunta 7

Nº de Alunos	Resposta dos alunos
02	Literatura
01	Por suas obras, que falam de mitologia Greco-romana
01	Famoso desenhista de anime
01	Muito bonito e inspirador
01	Pintura em quadros
01	Por suas obras Leonardo da Vinci “Monalisa”
01	Não conheço nenhum artista
01	Não sei
01	O artista em questão é Joan Cornellà. Um espanhol que se expressa através de quadros cômicos góticos, com muito sadismo, e às vezes se usa da técnica de “nature morte”.
15	Não responderam

Fonte: Autoria própria.

No quadro 5, as respostas a pergunta 7, os alunos associaram a uma categoria das Artes (pintura, desenhista). Destaca-se para o aluno que cita o artista e uma obra (obras de Leonardo da Vinci “Monalisa”) e o aluno que cita o artista

(Joan Cornellà), e faz uma análise de sua obra citando até técnica utilizada pelo mesmo.

3.2.2 – Análise do questionário da professora

Na análise do questionário da professora destacam-se, entre outras as respostas das questões 2 e 3, onde ela responde que não teve oportunidade ministrar aulas sobre Arte Contemporânea e nem Land Art. Como já descrito anteriormente os professores muito das vezes não entendem a linguagem da Arte Contemporânea e por isto, fica difícil fazer os planos de aula ou ministrar.

Segundo Tesch e Vergara (2012), as obras Contemporâneas nem sempre se sustentam por aquilo que elas representam, aliás, a representação de algo ideal, belo, contemplativo, na Arte, cede lugar a uma produção que exige uma reflexão mais aberta, cujos códigos são muitas vezes incompreensíveis numa primeira leitura. Essa produção exige leituras paralelas e inter-relações com outras áreas do conhecimento, o que causa, na maioria das vezes, o afastamento e a omissão das mesmas em sala de aula.

Outra questão que chama a atenção é a nº. 4, onde foi perguntando se ela já desenvolveu algum projeto de Land Art e se procurou relacioná-lo com a questão ambiental / natureza. A professora respondeu que não.

De acordo Rizzi e Anjos (s/d), com a Arte-educação Contemporânea, representada pela Proposta Triangular do Ensino da Arte concebida por Ana Mae Barbosa, propõe a interdisciplinaridade como forma de construção de conhecimento e, quando realizada na sua plenitude, permite, inclusive, o trabalho transdisciplinar. Segundo as autoras,

O trabalho dos Arte-educadores no sentido de despertar a consciência para o meio ambiente não é menos importante. Temos que nos aliar a outros especialistas – sociólogos, ecologistas, cientistas, geógrafos, bem como arquitetos, urbanistas, comunicadores, psicólogos sociais e antropólogos – na luta em busca do equilíbrio entre preservação e desenvolvimento, que conduz a uma melhor qualidade de vida e do meio ambiente natural. Os problemas do meio ambiente podem ser resolvidos apenas através de análise e decisões multidisciplinares. A educação ambiental somente terá sucesso se envolver um grupo multidisciplinar em processo interdisciplinar de ensino/aprendizagem.

Na questão 5, perguntada se acha fundamental o ensino de Arte no ensino médio, a professora respondeu que sim, mas que este seja ministrado por uma

pessoa formada em Arte. Na questão 6, respondeu que tem 1 hora aula semanal, mas necessitaria de 3 horas aulas semanais para desenvolver o conteúdo.

Barbosa (1998), citado por Capra (2007) argumenta que “a qualidade do ensino de Arte desenvolvido pelos professores é determinada pelo seu exercício cultural.” A autora considera ainda:

que o ensino da disciplina se constitui através de experiências estéticas dos docentes. Se o professor não desenvolve ações de aprimoramento de suas experiências estéticas, visto que a própria produção artística se modifica no tempo, dificilmente desencadeará experiências estéticas na escola.

Na questão 7 , perguntada sobre os prováveis benefícios da Arte para o ensino médio ela respondeu: conhecimento de toda a Arte e a apreciação das obras de Arte.

Ribeiro (2013), cita o Roteiro da Conferência Nacional de Educação Artística, realizada no Porto em 2007, e ressalta:

A educação artística contribui para uma educação que integra as faculdades físicas, intelectuais e criativas e possibilita relações mais dinâmicas e frutíferas entre educação, cultura e Arte. [...] Existe hoje em dia uma separação ainda maior entre o desenvolvimento cognitivo e o emocional, que reflete o fato de, nos ambientes educativos, se atribuir uma maior importância ao desenvolvimento das capacidades cognitivas, valorizando menos os processos emocionais. Para o Professor António Damásio, esta primazia dada ao desenvolvimento das capacidades cognitivas em detrimento da esfera emocional é um fato que contribui para o declínio do comportamento moral da sociedade moderna.

Na questão 8, perguntada sobre as dificuldades encontradas na disciplina, respondeu que é a falta de um aprofundamento mais específico nesta área, para atender limitações, que podem gerar o desinteresse meu e dos alunos. Na questão 9, respondeu maior qualificação para o conteúdo e a na questão 10, ela ressalta que a necessidade de seriedade não ensino de Artes.

De acordo com Placco (2006) citado por Capra (2007), “o professor que não se sentir provocado esteticamente terá menos subsídios para provocar tal experiência nos estudantes.” E ainda:

A formação e o exercício profissional, além da prática pessoal, precisam contemplar situações pelas quais o professor possa se aproximar de sua cultura, desenvolver o senso estético e apurar sua capacidade de observação, reconhecendo componentes para sua formação identitária.

Na questão 11, questionada sobre o conteúdo ministrado, responde que trabalha com quadrinhos, teatro e propaganda, sempre explorando todas as etapas na elaboração dos conteúdos.

3.2.3 – Análise da discussão do documentário “Quem tem medo de Arte Contemporânea.”

No 2º momento foi realizada uma discussão com os alunos sobre Arte Contemporânea, a partir da exibição de fotos sobre algumas obras de Arte e do documentário “Quem tem medo de Arte Contemporânea.”

Na exibição dos slides foram selecionadas as fotos de algumas obras de Arte que julgamos mais conhecidas dos alunos e procurando certa ordem cronológica, tentando assim demonstrar as modificações ocorridas na Arte. A sequência das obras foi a seguinte: “Monalisa” e a “Santa Ceia” de Leonardo da Vinci; “A Criação de Adão” e a escultura “Pietà” de Michelangelo Buonarroti; “Por do Sol” de Claude Monet; “os Girassóis” de Van Gogh; “O Jogo de cartas” de Cezanne; Mondrian “Guernica – O retrato de uma guerra” e uma escultura de Pablo Picasso, A “Persistência da Memória” e “Monalisa” de Salvador Dali; “O Pensador” do francês Auguste Rodin; “A Fonte” e “Roda de bicicleta” de Marcel Duchamp; “Elvis I e II”, “Marilyn Monroe” e “Campbell's Soup Can – Beef” de Andy Warhol; “Pregador de roupa” de Oldenburg; “Maybe” e “Whamm” de Roy Lichtenstein.

Em seguida foi apresentado o documentário “Quem tem medo de Arte Contemporânea?” O mesmo investiga a complexidade da Arte Contemporânea e o desnorreamento gerado pela condição da Arte atual. O mesmo apresenta vários depoimentos de artistas, críticos, curadores e o público de Arte. E depois foi realizada uma discussão com os alunos, após assistirem o documentário (fotos 1 a 4) e fizeram os seguintes comentários:



Figura 19: Foto dos alunos assistindo o documentário

Aluno 1: “Arte Contemporânea é uma coisa que sai de dentro da pessoa, é como se ela quisesse demonstrar alguma coisa. Ai ela vai lá e cria alguma coisa, com o seu pensamento.”

Interessante o conceito que o aluno coloca sobre a criação do artista, usando o pensamento e o sentimento.

De acordo com Castilho e Fernandes (s/d), “uma das finalidades do ensino de Arte é a formação estética, além do refinamento da percepção e da sensibilidade, por meio do fomento à criatividade, da autonomia na produção e fruição da Arte.”



Figura 20: Foto dos alunos assistindo o documentário, outro foco.

Aluno 2: “Arte Contemporânea é uma forma de expressar do jeito que quiser, do seu pensamento, o que você acha que é Arte, independente da opinião dos outros. É o seu pensamento sobre aquilo, o que você quis dizer sobre aquilo. Como você fez.”

Aqui o aluno coloca a liberdade na criação, sem se preocupar com que os outros irão interpretar da sua criação. Bem de acordo com a definição de artista na Arte Contemporânea, pois ele não é só o criador, mas também um propositor de ideias, de experiências. O suporte da Arte passa ser a ideia, o conceito, o que é proposto.



Figura 21: Foto dos alunos assistindo o documentário, outro foco.

Aluno 3: “Arte é uma forma que as pessoas encontram de expressar os sentimentos dela.”

Aluno 4: “A Arte é massa.”

Aluno 5: “Eu expresso os meus sentimentos através da dança”

Para os alunos 3, 4 e 5, colocam a Arte Contemporânea com a expressão de sentimentos. Na Arte Contemporânea, o público deixa de ser somente contemplador passivo do estético, agora ele é um agente participativo. Muitas vezes a obra só se realiza se completa na presença ou com sua participação.

Aluno 6: “Pode ser feito de tudo, com a nossa volta, o que basta é usar a imaginação. Por exemplo: com a dança, com qualquer coisa, até com um papel e um lápis.

O aluno 6, dá ênfase nos tipos de materiais e técnicas. Na Arte Contemporânea, há uma apropriação do objeto do cotidiano, devido a isto, é questionado o conceito de originalidade. Assim como é questionado o conceito de autoria devido a terceirização de etapas de construção da obra. E finalmente é questionado o conceito de obra-prima, devido à relação da obra com o tempo, assim as obras são efêmeras, sem a preocupação que a obra deva dura eternamente. A Arte se integra a vida. Assim elementos do cotidiano como beleza, feiura, sensação, percepção, política, lixo, sucata, até o próprio corpo passa a ser material artístico.



Figura 22: Foto dos alunos assistindo o documentário, outro foco.

Aluno 7: “Arte Contemporânea é chama a atenção, provocativa.”

Aluno 8: “Não gostei da Arte Contemporânea. Ela é uma Arte feia. Mas eu não sou crítico.”

Os alunos 7 e 8 são provocados de maneiras diferentes. Para o aluno 7, a Arte Contemporânea chama a atenção, mas para o aluno 8, não consegue se identificar, acha a mesma feia.

Segundo Tesch e Vergara (2012), citando um trecho do documentário onde o artista plástico Joelson, afirma que “Tudo o que é novo é rejeitado de uma forma ou de outra... Não é aquilo que você quer ver, entendeu? Acho que as pessoas têm medo da Arte em geral, de um filme esquisito, de uma abordagem esquisita...” (CRIBARI; ARAÚJO, 2006). Há um outro trecho no documentário que discuti o entendimento da Arte Contemporânea:

A suposta ‘dificuldade’ em ‘entender’ a Arte Contemporânea está em querer medi-la e julgá-la a partir de parâmetros que não reconhecem as suas especificidades. Como qualquer outro campo de expressão e de conhecimento humano, as Artes visuais possuem uma história que continuamente (re)constrói convenções sobre as quais operam. “É preciso pensar se faz realmente sentido a ideia de ‘entender’ a produção Contemporânea em Artes Visuais, já que não cobramos um ‘entendimento’, por exemplo, da música que escutamos no rádio”, pondera Moacir dos Anjos.

Para Tesch e Vergara (2012), citando Cauquelin (s/d), coloca que a Arte Contemporânea seria então, “a Arte do agora, a Arte que se manifesta no mesmo momento e no próprio momento em que o público a percebe”(CAUQUELIN, s/d, p.6). E ainda:

Para se apreender a Arte como Contemporânea de fato, nos faltam alguns critérios como, “distinções que isolarão o conjunto dito contemporâneo da totalidade das produções artísticas”(idem, p.7). Essas distinções ainda não são claras, estão ainda mescladas à Arte Moderna, sendo essa a dificuldade em demarcar as produções Contemporâneas e o período em que consiste.

3.2.4 – Fotos e vídeo da Land Art

Dentro da discussão de Arte Contemporânea, apresentei algumas fotos de obras da Land Art, procurando contextualizar a época da produção das mesmas e colocando algumas características. As obras foram: “Spiral Jetty” e “Broken Circle” de Robert Smithson; “The Lightning Field” de Walter de Maria; “Double Negative” de Michael Heizer; “The Gates”, “Surrounded Islands” e “Running Fence”. de Christo e Jeanne-Claude. Os alunos ficaram muito interessados, mais havia um estranhamento em relação estas obras serem consideradas Arte.

Tesch e Vergara (2012) colocam que a “educação estética está inteiramente ligada à preparação dos indivíduos para uma vida cheia de inquietações e diversidade cultural para torná-los seres críticos capazes de se descobrirem e descobrirem o mundo com percepção própria.” Para os autores:

A Arte Contemporânea possibilita discussões e reflexões que só vêm a contribuir para a cultura e o senso estético dos educandos. Ela provoca o olhar do aluno; é uma realidade que não pode ser desperdiçada, pois está mais próxima no tempo e no espaço do que qualquer período histórico da Arte.

Finalmente passei um pequeno vídeo de 4 minutos e fiz o encerramento da atividade.

O vídeo mostra um artista australiano, Corey Thomas narrando a realização de uma obra onde aproxima e tenciona as relações entre Arte e paisagem. Com um currículo extenso, Corey foi convidado pela campanha publicitária do Tourism Victoria, Austrália para a região de Gippsland. A chamada da campanha é *How will you be inspired by Gippsland*” (Como Gippsland vai te inspirar) e Thomas embrenhou-se pela Reserva da Biosfera no Parque Nacional de Croajingolong para procurar na natureza a inspiração de sua escultura.

GORSKI (s/d), explica que Spinifex, o nome da obra, é homônimo de *Spinifex cericeus*, uma gramínea típica das dunas australianas, cujo formato, em pArte, se assemelha com a escultura de Thomas, e que abunda na região em que a

instalação foi montada. A *spinifex* solta suas sementes através de um mecanismo que se vale do vento para aumentar seu poder de dispersão. O processo é parecido com as *tumbleweeds*, do gênero *Salsola*, um tipo de planta que os filmes de hollywood, especialmente quando querem representar um local desértico e desolado.



Figura 23: Foto da Obra do artista Corey Thomas intitulada Spinifex

Fonte: See more at: <http://jardimdecalateia.com.br/Arte-e-paisagem-spinifex/#sthash.GbbAIW5V.dpuf>



Figuras 24 e 25: Fotos da Obra do artista Corey Thomas intitulada Spinifex

Fonte: See more at: <http://jardimdecalateia.com.br/Arte-e-paisagem-spinifex/#sthash.GbbAIW5V.dpuf>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou entender que Arte Contemporânea – Land Art pode proporcionar aos alunos vivenciarem experiências estéticas, o desenvolvimento da criatividade, da capacidade crítica, despertando a imaginação e a percepção. Devido a sua proximidade com a vida cotidiana e o fato de ser uma Arte provocativa, pode leva o aluno a variadas reflexões sobre a Arte e sobre a vida. Por ser uma Arte plural e com uma multiplicidade de recursos, o aluno poderá experimentar variados materiais, técnicas e com isto montar a sua própria poética.

A Land Art é uma prática propicia para ser desenvolvida nas escolas. Isto porque ela promove uma prática refletiva e uma discussão Contemporânea sobre o meio em que os alunos estão inseridos e a natureza. E a partir disto, tornam-se capazes de realizarem análises desta realidade e assim modificá-la se necessário. Além de despertarem nos alunos a percepção de si e do meio.

Outro ponto importante são as práticas em Arte-educação, é necessário elaborar práticas provocativas, que possa provocar no aluno um “estranhamento”, que o leve a reflexão, para aprender a escolher, conceber, discriminar e atuar. Por isto, a necessidade da inclusão da Arte Contemporânea nas práticas de Arte-educação, da necessidade dos professores se especializarem e aperfeiçoarem, de serem mais abertos ao “novo” e de reformularem os seus métodos.

De acordo com Barbosa (1998) esclarece que o “professor não tem o direito de pressupor que o estudante já viveu uma determinada experiência.” Ainda segundo a autora:

O ambiente educacional é o laboratório de experiências onde cada experiência deve ser promovida e acompanhada passo a passo como uma planta que vai sendo nutrida, fortalecida e cuidada.

Este trabalho buscou a partir da discussão de Arte Contemporânea, da Land Art, e das características que envolvem as mesmas, desperta a reflexão e contribuir para o desenvolvimento de caminhos que ajudem na realização das práticas de Arte-Educação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leandro. **O que são e em que diferem as pesquisas quantitativas e qualitativas?** Disponível em: <http://www.cp2.com.br/o-que-sao-e-em-que-diferem-as-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas.php>. Acesso 12/06/2013.

Arte Contemporânea. Enciclopédia Itaú Cultural - Artes Visuais. Data: Atualizado em 10/11/2011. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=354. Acesso em: 10/05/2013.

BARBOSA, Ana Mãe (org.) **Ensino da Arte: memória e história** - São Paulo : Perspectiva, 2008. - (Estudos:248 1 dirigida por J. Guinsburg). **Reflexões sobre a Abordagem Triangular do Ensino da Arte.** Maria Christina de Souza Lima Rizzi, C.14, p.335 a 349.

BARBOSA, Ana Mãe (org.) **Inquietações e mudanças no ensino de Arte.** 5ª Ed. – São Paulo:Cortez, 2008. 184 p.

BARBOSA, Ana Mãe. **Tópicos Utópicos.** Belo Horizonte: Ed. C/ Arte, 1998. (2007 – 2ª Reimpressão). 200p.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília : MEC/SEF, 2000. 71p.

CAPRA, Carmem Lúcia. **Ensino de Artes visuais: experiência estética e prática docente.** Dissertação do Programa de Pós-graduação da Faculdade de educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

CARVALHO, Juline Alves Marinho de; SOUZA, Samir Cristino de. **Educação e Percepção Ambiental na escola: uma pesquisa com alunos e professores da Escola Estadual Professor Luis Soares no município de Natal no Rio Grande do Norte.** VII CONNEPI – Congresso Norte e Nordeste de Pesquisa e Inovação. Palmas – Tocantins, 2012.

CASTILHO, Ana Lúcia Serrou; FERNANDES, Vera Lúcia Penzo. **Questão estética no ensino de Artes no ensino fundamental.** Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT4%20PDF/QUEST%3O%20EST%9TICA%20NO%20ENSINO%20DE%20ARTES%20NO%20ENSINO.pdf . Acesso em: 02/11/2013.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: uma introdução.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo de Arte Contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006, 77p.

CRISTELI, João Augusto [et al]. **Escultura e Modelagem.** Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Curso de Especialização em Ensino de Arte Visuais, vol.3, 2009.

GORSKI, Frederico. **Arte e Paisagem: Spinifex, a paisagem como narrativa -** Disponível em: <http://jardimdecateia.com.br/Arte-e-paisagem-spinifex/#sthash.GbbAIW5V.dpuf>. Acesso em: 14/10/2013.

ISAAC, Cristina Bernardi. **Arte e paisagem: Estudo de Obras Contemporâneas Brasileiras.** Dissertação de Mestrado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP. São Paulo, 2013

KRAUSS, Rosalind. **Escultura no campo ampliado.** Trad.Elizabeth Carbone Baez. Revista Gávea. Rio de Janeiro. PUC, n.1, 1985. p. 87-93.

KONESKI, Anita Prado. **A estranha “fala” da Arte Contemporânea e o ensino da Arte.** Revista PALÍNDROMO 1 - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - CEART/UDESC, Universidade do Estado de Santa Catarina, marços de 2009, p.64 a 77. Disponível em: www.ppgav.ceart.udesc.br/revista/arquivos/4_palindromo_anita.pdf Acesso em: 20/07/2013.

LEAL, Miguel. **Land Art.** Disponível em <http://www.Arte-coa.pt/index.php?Language=pt&Page=Saberes&SubPage=ComunicacaoELanguage mArte&Menu2=ArteVidaEMeio&Filtro=110&Slide=110>. Acesso em 10/08/2013.

LEÃO, Raimundo Matos de. **Apreciação da obra de Arte: a proposta triangular.** Revista de educação CEAP - Ano 11 - nº 43 - Salvador, dez/2003 (p. 55 - 65).

MOUDATSOS, Rodanthi Mihail. **Dificuldades para ensinar Arte Contemporânea.** Disponível em: <http://Artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69930&#>. Acesso: 12/10/2013.

O Príncipe da Pop Art – Andy Warhol (Pop Art 2). Disponível em: <http://www.designlovr.com.br/2009/07/o-principe-da-pop-art-andy-warhol-pop-art-2/>. Acesso em 20/07/2013.

OKAMOTO, Jun. **Percepção Ambiental e Comportamento:** Visão holística da percepção ambiental na Arquitetura e na comunicação. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa; CUNHA, Evandro José Lemos da; MOURA, José Adolfo. **CBC- Conteúdos Básicos Comuns – Arte – Ensino Fundamental e Médio.** Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.

PIZA, Daniel. **O fim da escultura.** REVISTA USP, São Paulo, n.42, p. 189-192, junho/agosto 1999, p.189 a 192.

RIBEIRO, Celeste Maria Pissarra. **Um projeto de Land Art numa escola de 1.º ciclo.** Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Educação pela Arte. Escola Superior de Educação João De Deus. Lisboa, fev. 2013.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima; ANJOS, Ana Cristina Chagas dos. **Arte-Educação e meio ambiente: apontamentos conceituais a partir de uma experiência de Arte-educação e educação ambiental.** ARS, Ano 7, N.15. p.26 a 35. Disponível em: www.produçãousp.br/.../handle/art_RIZZI_Arte-educacão. Acesso em 28/05/2013.

SAWADA, Nathália Hatsue. **Land Art:** um estudo sobre as origens da Land Art e seus desdobramentos. Trabalho final de graduação. Universidade Estadual Paulista - UNESP. Bauru, 2011.

SEGANTINI, Verona Campos. **Fundando sensibilidades, educando os sentidos: dos sujeitos na cidade (Belo Horizonte, uma capital no ano de 1900).** Dissertação do Programa de Pós Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2010.

SOARES, Margarete Barbosa Nicolosi; RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. **Reflexões sobre a etapa de aquecimento como sensibilização para as aulas no ateliê de Artes visuais para crianças do Departamento de Artes Visuais da ECA/ USP.** Disponível em : <http://www.faeb.com.br/livro/Comunicacoes/reflexoes%20sobre%20a%20etapa%20de%20aquecimento.pdf>. Acesso em 20/10/2013.

TESCH, Josiane Cardoso; VERGARA, Clóvis. **Arte Contemporânea no espaço escolar.** IX ANPED SUL – Seminário de pesquisa em educação da região sul, 2012. Disponível em: www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/.../760 Acesso em: 20/07/2013.

ANEXO

1 - Questionário aplicado para a professora de Arte:

Professor estou realizando um estudo sobre o ensino de Arte, favor responder este questionário.

1 – Você ministra aulas de Artes, há quanto tempo? E há quanto tempo nesta escola? Dois anos e dois anos

2- Você teve oportunidade de ministrar aulas sobre Arte Contemporânea? Se sim, cite alguns conteúdos que já foram trabalhados. Não

3 – Você já trabalhou, nos conteúdos da Arte Contemporânea, sobre Land Art ou Arte ambiental? Se sim, descrever como trabalhou este conteúdo. Não.

4 – Se já desenvolveu algum projeto de Land Art, e procurou relacioná-lo com a natureza?. Se não, já desenvolveu algum outro projeto em Arte na escola? Favor descrevê-lo. Não.

5 - No decurso da sua experiência, considera o ensino de Arte fundamental no Ensino Médio? Justifique.

Sim, mas que este seja ministrado por uma pessoa formada em Arte.

6. Quantas horas semanais considera razoáveis ou necessárias para que o ensino de Arte seja de fato desenvolvido. De quantas horas semanais dispõe para ministrar suas aulas.

Pelo menos 3 aulas semanais, dispõe só de 01 aula semanal.

7. Quais benefícios para os alunos do ensino médio você pode citar, com o ensino de Arte.

- Conhecimento de todo tipo de Arte;
- Apreciação das obras de Arte.

8. Quais as principais dificuldades que você encontra no ensino da Arte.

Falta de um aprofundamento mais específico nesta área, para atender limitações que podem gerar o desinteresse meu e dos alunos.

9. Quais as prováveis soluções para estas dificuldades.

Pessoa qualificação para o conteúdo.

10. Tem alguns outros comentário que gostaria de fazer em relação ao ensino de Arte?

Penso que a Arte quando bem ensinada, séria, é de grande importância para o entendimento do nosso meio artístico. Tem que haver mais compatibilidade entre o conteúdo que deve ser ministrado e a realidade do público (alunos).

11. Qual conteúdo é ministrado no ensino de Arte nesta escola?

Quadrinhos, elementos visuais, teatro e os componentes para desenvolvimento dos mesmos.

Obrigada pela atenção.

2 - Questionário aplicado para os alunos:

Pesquisa sobre Arte Contemporânea

Nome:

Idade:

Sexo: () Feminino () Masculino

Responda em uma frase:

1 – Defina Arte.

2 – Como se faz Arte?

3 – O que é ser artista?

4 – Você conhece ou já ouviu falar em Arte Contemporânea?

5 – Você conhece ou já ouviu falar em Land Art ou Arte Ambiental?

6 – Você conhece algum artista (pessoalmente ou por suas obras)?

7 – Como é o trabalho dele?

Obrigada pela atenção.